EXPOSIÇÃO COLETIVA

# Reflorestamento

10 anos do Laboratório de Artes Visuais **Porto Iracema das Artes**

EXPOSIÇÃO COLETIVA

# Reflorestamento

10 anos do Laboratório de Artes Visuais **Porto Iracema das Artes**

Curadoria de **Lucas Dilacerda** e **Aline Albuquerque**

Fortaleza,
Museu de Arte Contemporânea do Ceará
**Dezembro/2022 – Março/2023**

# Sumário


Apresentação 10

Artistas 18

Tutores 20

Gestações de Si 22

Tecnologias Ancestrais 28

Fabulações do Arquivo 42

Cartografias do Intolerável 52

Montagens Infinitas 64

Potências do Gesto 72

Transmutações Afetivas 80

Ecologias da Paisagem 90

Alianças Interespécies 100

Vibrações Cósmicas 112

Ficha Técnica 124

# Plantar sonhos, colher mundos

**Reflorestamento** é uma ação coletiva que acontece a partir do encontro entre diferentes modos de vida que, juntos, colaboram para a transformação da paisagem ambiental, social e subjetiva.

Diante do cenário de degradação do ecossistema do planeta, e também da política e da sensibilidade, é chegado o tempo de reflorestar. Reflorestamento do corpo. Reflorestamento da imaginação. Reflorestamento da linguagem. Reflorestamento do mundo.

Para reflorestar é preciso antes preparar o terreno, adubar o solo e fertilizar a vida. Nesse gesto, os saberes vegetais, animais e minerais são aliados que nos ensinam outras temporalidades e outras possibilidades de convívio.

Nesta exposição, cada núcleo – que chamamos de "ninho" – é o sintoma de uma produção que nomeamos de: Gestações de si; Tecnologias ancestrais; Fabulações do arquivo; Cartografias do intolerável; Montagens infinitas; Potências do gesto; Transmutações afetivas; Ecologias da paisagem; Alianças interespécies; e Vibrações cósmicas. Convidamos pesquisadorys para escrever um verbete sobre cada ninho, a fim de experimentar a linguagem no limiar de um provérbio, de um feitiço e de um dito popular.

Cada obra é a semente de um sonho que faz brotar em nós o desejo e a coragem de fabular o mundo e de transmutar nós mesmos. Somos sementes da Terra, e as sementes do novo mundo foram plantadas.

**Lucas Dilacerda**
**Aline Albuquerque**
Curadoras





# Sementes plantadas

A exposição Reflorestamento nasce da reivindicação de artistas que participaram da 7ª edição (2019-2021), que aconteceu durante a pandemia do coronavírus. Devido às circunstâncias pandêmicas, esse desejo coletivo estava suspenso desde então, imagem que nos remeteu aos rios voadores.

E como um rio voador, esse desejo coletivo confluiu até o momento atual, em que o Laboratório de Artes Visuais, da Porto Iracema da Artes, completa 10 anos de existência. Pensamos que seria uma ocasião interessante para estender o convite a todes que passaram pelo Lab, pois compreendemos que esta exposição — de caráter pedagógico — é parte de uma experiência de formação.

Acreditamos que essas trocas são extremamente importantes para pensar a continuidade de uma política pública de formação em artes, que tem perseverado apesar dos desafios.

O que há de mais bonito nesta exposição é o convite ao gesto coletivo, a possibilidade do encontro e o exercício de colocar os trabalhos em relação uns aos outros, pois sabemos que essa relação cria novos sentidos e novas possibilidades de coexistência.

Reflorestamento é o desaguar do nosso rio voador, que traz em sua composição sonhos e sementes que plantamos à espera do inverno, para colher a abundância que chegará a esta terra que cultivamos juntas.

**Porto Iracema das Artes**

# A metáfora de criação

Em tempos duros, a arte costuma nos valer de possibilidades. Os últimos quatro anos de Brasil evidenciaram o poder que a experiência artística tem no confronto com a monstruosidade. Não me refiro aqui a um suposto poder milagroso e ingênuo. Falo do poder do gesto da criação, que movimenta a vida para além da destruição. Chegamos aqui, quando tudo foi organizado para nos matar.

A exposição Reflorestamento é constituída deste poder. Um encontro de artistas que marca uma década de experiência dos Laboratórios de Criação da Porto Iracema das Artes. Um tempo largo, uma excepcionalidade na tradição das políticas culturais do Brasil. Nas práticas dos laboratórios, experimenta-se, busca-se, tensiona-se o mundo social, a partir das invenções poéticas.

É claramente um movimento de reflorestar, reacender a vida. Reflorestamento, aqui, funciona como uma metáfora de criação, que mobiliza sensibilidades, saberes, crises, dúvidas, experiências ancestrais. Uma multiplicidade de visões, capazes de nos indicar possibilidades para seguirmos na caminhada necessária de construção de uma vida mais igualitária no planeta.

**Elisabete Jaguaribe**
Diretora de Formação e Criação
IDM/Porto Iracema das Artes





# Tempo da colheita

O Laboratório de Artes Visuais da Porto Iracema das Artes integra um importante espaço para a reflexão, prática e formação da linguagem no estado do Ceará. Articulado por diferentes modos formativos, tem como um dos seus eixos fundamentais pensar diferentes estratégias de interlocução na instância processual do gesto de criação e poético, abarcando também interesses críticos da história da arte cearense e brasileira. Nos seus anos iniciais, a ideia de estabelecer estratégias de acesso entre diferentes circuitos, além da criação de repertório, laboratórios práticos e reflexivos, conduziu boa parte da sua programação, com um constante interesse de também construir atividades abertas para a cidade.

Essa exposição apresenta um generoso recorte do que foi produzido por artistas do Laboratório de Artes Visuais da Porto Iracema das Artes. É um valioso convite para refletir sobre perspectivas de futuro, reinvenção, fazer coletivo e, principalmente, pensar novas estratégias de atuação para um mundo em deformação. O que é relevante para as artes visuais hoje? Quais circuitos interessam? Quais novas estratégias de diálogos e de escutas estão sendo organizadas? E tudo isso os artistas podem responder!

**Bitu Cassundé**

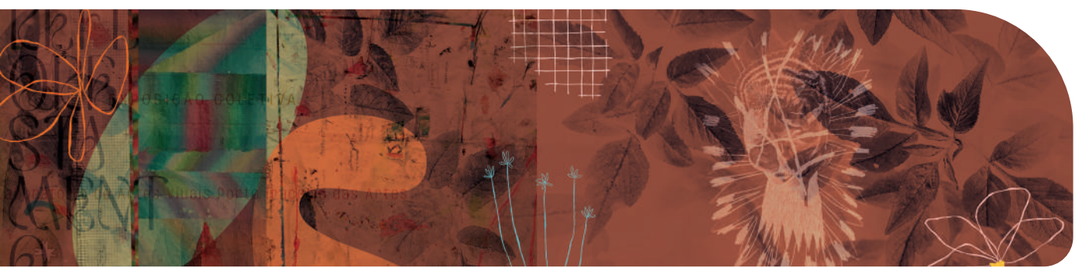
# Terrário

O EDUCATIVO MAC-CE, em consonância com práticas educativas contemporâneas, imerge na exposição Reflorestamento como sementes, no intuito de fazer florescer e ampliar o repertório e o pensamento crítico do público visitante do museu.

A partir de cada núcleo, foi pensada uma série de ações, como mediações poéticas, oficinas e leituras críticas das obras. Desse modo, você, visitante, poderá vivenciar e descobrir novas trilhas.

A sala que você se encontra foi pensada por toda equipe do educativo do museu, para ser um espaço de imersão, pausa, leitura e escrita juntamente com os educadores. Boas-vindas à Sala Experimental /// EDUCATIVO MAC CE.

**Educativo do Museu de Arte Contemporânea do Ceará**







# Plantação

Plantar(-se). Regar, germinar, reflorestar. Como as plantas, aderir ao mundo circundante, partindo de pedaços de chão e céu que as rodeiam. Plantas não ornamentais, seres que alteram o mundo em comunidade integral. Substâncias que se fundem, fazendo vida. É preciso espalhar sementes. Reflorestar a Terra em todas as suas nuances.

Reflorestamento é um encontro há muito cultivado entre a Escola Porto Iracema das Artes e o Museu de Arte Contemporânea do Ceará, e tem em sua realização a culminância de ciclos e a abertura de novos caminhos. As diversas experiências se colocam no museu assim como se colocam no mundo. Não se trata apenas da criação de novos objetos, mas sim de declarar existências no enfrentamento à separação entre corpo e cultura.

Receber a exposição é juntar punhados de terra a este encontro de artistas de gerações diversas, interesses múltiplos e forças convergentes/divergentes que geram um movimento único em grande dimensão. Cada “ninho” construído é uma potência de vida que encontra nas linguagens artísticas espaços de reflexão, voz ativa, mudança e afeto. Estar junto nesse vórtice é também entender-se como atmosfera de plantação.

**Equipe do Museu de Arte Contemporânea do Ceará**

# Mobiliário Nômade

O Mobiliário Nômade é uma proposta de suporte à exposição Reflorestamento (2022) que deve fluir por outras montagens e espaços expográficos. Seus dois módulos foram elaborados ao longo de encontros em que foram discutidas as possibilidades de criação de um mobiliário para acolher experiências. Trabalhos prontos, ideias, rascunhos, escritos, oficinas, conversas e qualquer proposta que expresse a natureza do processo criativo dão movimento ao mobiliário.

Bebendo dos movimentos e revisões de padrões estabelecidos, surgidos na década de 70, importantes para a difusão da cultura do "faça-você-mesmo", cuja proposta é que qualquer pessoa pense, por exemplo, o seu próprio ambiente a partir de um design aberto e de fácil montagem e transporte, agregamos um repertório que tem como referência a experiência cultural coletiva. Começamos a desenhar o mobiliário, observando a estrutura das cabines de barcos pesqueiros, como os que vemos no nosso litoral. Então, pensamos esses módulos também como espaços abertos ao acontecimento.

Está feito o convite à navegação, a bordo desse mobiliário e a partir dessa exposição. Pensado para ser nômade, ele está aberto e sempre estará de novo. Ainda não se sabe quando. Sabe-se, sempre, do encontro.

**Cecília Andrade**
**Diego de Santos**





# Acessibilidade

O Projeto Acesso surgiu em 2006 no Museu da Cultura Cearense (MCC), com o intuito de propiciar acessibilidade às pessoas com deficiência ou não. Tem como missão assegurar que qualquer pessoa, sem exceção, possa usufruir de toda programação oferecida pelo MCC, por meio de recursos físicos e digitais, como ações educativas, adequação dos espaços físicos do museu, preservação e acessibilidade integral, quebrando assim as barreiras arquitetônicas, urbanísticas, comunicacionais e, sobretudo, atitudinais. Além disso, investe na formação e no preparo do corpo de colaboradores, principalmente, dos profissionais e educadores de museus.

**Alana Oliveira**
**Carlos Viana**
**Cleyton Santos**
**Julia Fekete**
**Júlia Martins**
**Lara Lima**
**Márcia Moreno**

# Artistas **Artistas** Artistas

Allan Diniz
amorfas
Andréa Sobolive
Antonio Breno
arth3mis
Bárbara Moira
Batalha
Beatriz Benitez
Beatriz Gurgel
Byya Kanindé
Camila Albuquerque
Carliane Capitu
Cecília Andrade
Celeste
Charles Lessa
Claudia Sampaio
David Felício
delano gurgel queiroz
Diego de Santos
Diego Landin
Dinha Fonsêca
Duda
Eliana Amorim
Emanuel Oliveira
Euzébio Zloccowick
ewa nïara
Fabiano Veríssimo
Filipe Alves
Flávia Memória
FluxoMarginal
Haroldo Saboia
Helenita Matos
Henrique Viudez
Jared Domício
Jean dos Anjos
Jeff Santos
Jorge Silvestre
Juliana Capibaribe
Juliane Peixoto
Júnior Pimenta
Junior Potyguara
Ka
Leo Silva
Léo Silva
Levy Freitas
Levy Mota
Lídia Rodrigues
Linga Acácio
Lívio
Luciana Rodrigues
Luciana Vieira
Lui
M.DIAS PRETO
Marcella Elias
Marcio Medeiros
Maria Macêdo
Mariana Smith
Marina de Botas
Merremii Karão
Jaguaribaras
Milena Fernandes
Naiana Magalhães
Núbia Agustinha
Paula
Paulo José
plantomorpho
Rafael Vilarouca
Raoni Freitas
Raul Plassman
Roberto Borges
rodrigo é @rudriquix
Sabyne Cavalcanti
Samuel Tomé
sid
Simone Barreto
soupixo
Sy Gomes
Terroristas del Amor
(Dhiovana Barroso e
Marissa Noana)
Thomas Saunders
Tiago Alves
Trojany
Vi Cavalcante
Vince
Virgínia Pinho
Vita da Silva
Vivi Rocha Jones
Yuri Marrocos
zwanga adjoa nyack

# 10 Anos do Laboratório de Artes Visuais

**2013**

Tutorys
**Marcelo Campos**
**Márcio Harum**
**Santiago Navarro**
**Clarissa Diniz**

**2014**

Tutorys
**Ana Maria Maia**
**Josué Mattos**
**Marisa Flórido César**
**Yuri Firmeza**
**Cristiana Tejo**
**Daniela Labra**

**2015**

Tutorys
**Marisa Mokarzel**
**Ricardo Basbaum**
**Júlio Martins**
**Cauê Alves**

**2016**

Tutorys
**Pablo Lafuente**
**Edith Derdyk**
**Maria Helena Bernardes**
**Claudio Bueno**

**2017**

Tutorys
**Tania Rivera**
**Clarissa Diniz**
**Ednei de Genaro**
**Vitor César**

**2018**

Tutorys
**O Grivo (Nelson Soares e Marcos Moreno)**
**Lisette Lagnado**
**Alexandre Sequeira**
**Ana Pato**

**2019**

Professorys
**Gleyce Kelly Heitor**
**Maria Helena Bernardes**
**Ayrson Heráclito**
**Laura Vinci**
**Moacir dos Anjos**
**Elton Panamby**

Cursos
**Levy Freitas**
**Lucas Dilacerda**
**Helena Vieira**
**Jean dos Anjos**
**Lívio**

Performances
**Milena Fernandes**
**Jeff Skorupski**

Oficinas
**Carliane Capitu**
**Cecília Andrade**

**2020**

Tutorys
**Ana Lira**
**Castiel Vitorino Brasileiro**
**Elton Panamby**
**Rosana Paulino**

Oficinas
**Maxwell Alexandre**
**Laís Machado**
**Denilson Baniwa**
**Dalton Paula**

**2021**

Professorys
**Sandra Benites**
**Luciara Ribeiro**
**Beatriz Lemos**

**2022**

Tutorys
**Dalton Paula**
**Efe Godoy**
**Sallisa Rosa**
**Mulambö**

Oficinas
**biarritzzz**
**Walla Capelobo**
**Rosana Paulino**
**Gê Viana**

# **GESTAÇÕES** de si

DESVIO DA CAPTURA, INCUBAR-SE NA TENTATIVA DE IMAGINAR OUTRAS EXISTÊNCIAS, DE/FORMAR-SE RASGANDO A PRÓPRIA PELE E A PELE DO MUNDO, PARIR-SE.

***AIRES***

## signo, 2020

Vídeo instalação performativo, 10'18"

**Lívio**
**Juazeiro do Norte, Ceará, 1991**

"signo" faz parte de uma pesquisa que junta em um único trabalho (ainda em processo) texto, vídeo, performance, instalação e memória. Iniciada em maio de 2020, essa pesquisa busca transtornar o meu corpo e a minha práxis, a partir de uma reflexão sobre a minha identidade enquanto sujeito de/formado no colonialismo capitalista, branco, masculino, cisheteronormativo e capacitista, que ainda é a estrutura da cultura hegemônica no Brasil e no mundo. "signo" traça caminhos desobedientes a essa norma. Aqui, a partir de uma situação de violência contra a minha mãe.

Agrônomo, mudou-se para a poesia que o levou às artes visuais. Fez uma pesquisa entre palavra, objeto e intervenção que rendeu sua primeira exposição individual: "A ereção da palavra", no Dragão do Mar. Faz experimentos em palavra, vídeo, foto e performance. Tem pesquisado branquitude e masculinidade hegemônica.

Participação no **Lab/2019** Instagram **@livioapenas** **mapacultural.secult.ce.gov.br/agente/5877**

Pintura que nasce na etapa investigativa do Laboratório, em 2021, durante a pesquisa "Na barriga do monstro". Aborda de maneira figurativa a gestação de um indivíduo humano através de uma jumenta, fantasia elaborada com o intuito de me gerar outras possibilidades maternas.

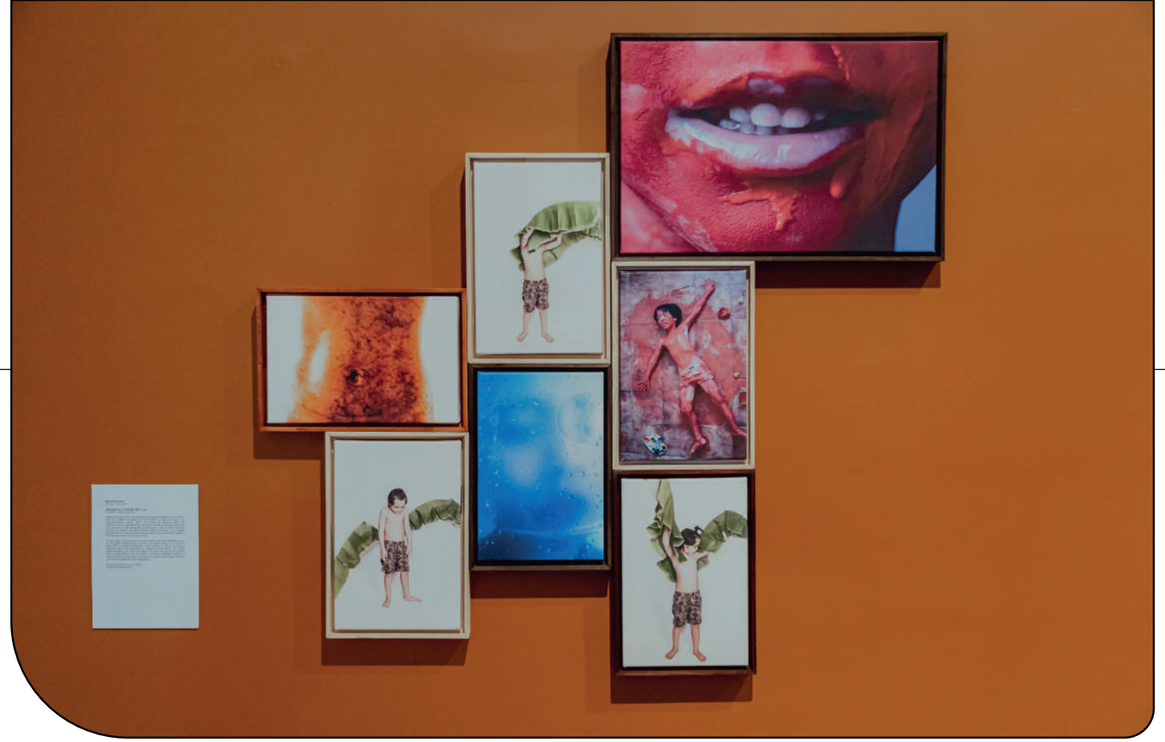
Artista visual que vive e trabalha em Crato-CE. Indicado ao prêmio Pipa 2022. Desenvolve trabalhos em pintura com desdobramentos na arte urbana e escultura. Cria ficções com a pintura figurativa, na qual investiga a estética popular em diálogo com a arte contemporânea.

## Na barriga do monstro, 2022

Acrílica sobre tela, 88x114cm, 76x82cm

**Charles Lessa**
**Crato, Ceará, 1993**

Participação no **Lab/2019-20** Instagram **@charleslessa__** **premiopipa.com/charles-lessa**



## Uma parte forte de mim, 2022

Fotografia,
22x33cm, 35x52cm

**Marcella Elias**
**Fortaleza, Ceará, 1981**

Imagens documentais e ficcionais da convivência pandêmica entre mãe e filho. As imagens vermelhas são de Benjamin, 6 anos na época, que espontaneamente pintou todo o seu corpo de vermelho após uma conversa sobre o "descobrimento do Brasil" e sobre como isso repercute até hoje nas atitudes genocidas de Bolsonaro, como na demora para a compra de vacinas, que gerou muitas mortes no Brasil. Hoje, quando pergunto sobre o que aconteceu há quase dois anos e mostro as imagens, ele responde que estava enlouquecido.
Artista visual, Diretora Executiva e de Fomento do Ifoto (2022/2023). Atua em fotografia, audiovisual e cinema, com especialização em Cinema e Audiovisual. O ensaio fotográfico "Elisa" esteve no Museu da Cultura Cearense (2017), foi publicado na revista Carcará Photo Art (2019), posteriormente virou uma instalação e participou da Feira do Oriente de Artes Visuais (2019), no Rio de Janeiro. Durante a pandemia, começou a série fotográfica "Uma parte forte de mim", sobre maternidade. Começou a utilizar o bordado em suas fotografias.

Participação no **Lab/2019**

Instagram **@marcellaeli**

## A criança dos meus olhos, 2021

Pintura, 100x70cm

**Vita da Silva Arneiroz**
**Sertão dos Inhamuns, Ceará, 1997**

"Da escola sou estudante, da professora a lembrança, da mamãe sou o amor, do Brasil a esperança". Fotografia feita durante a Copa do Mundo de 2002, na Escola Maria Angelina Petrola, em Arneiroz-CE, onde fiz o ensino fundamental 1 e 2. Revisitar a infância, esse momento tão decisivo na constituição de quem nos tornamos, foi algo muito importante dentro dessa travessia que se convencionou chamar de transição de gênero. Charles foi quem me conduziu nesse passeio pela infância, me ensinando a olhar com outros olhos para esse momento da vida e reimaginá-lo.

Vita da Silva nasceu em Arneiroz/Sertão dos Inhamuns (CE), no dia 10 de março de 1997. No ano de 2015, mudou-se para a cidade de Crato (CE), para cursar artes visuais. Entre 2019 e 2021, foi uma das pessoas que movimentou o Laboratório de Estudos e Criação - BIXÓRDIA, além de colaborar com o projeto de Charles Lessa intitulado "Na barriga do mostro", desenvolvido no Laboratório de Artes Visuais pela Escola Porto Iracema das Artes, com tutoria de Elton Panamby.

Participação no **Lab/2020**

Instagram **@vitab.dasilva**

# **TECNOLOGIAS** ancestrais

O BOM FUTURO EXISTE AO (RE)ELABORAR OS CONHECIMENTOS ANCESTRAIS AFRO-INDÍGENAS E VINCULÁ-LOS ÀS NOSSAS VIVÊNCIAS.

***CECÍLIA CALAÇA***

## Cortar pela raiz, 2022

Cerâmica fria, colorido em guache e envernizado, 100cm²

**arth3mis**
**Fortaleza, Ceará, 2000**

"Cortar pela raiz", como lembra o velho ditado popular. Cortar aquilo que afeta o corpo e o espírito de maneira desagradável; cortar uma atitude não necessariamente parte de nós, para nós e por nós, mas que por vezes nos foi imposta; algo que nos foi tirado de maneira autoritária, seja um sentimento, um desejo, uma memória, uma pessoa, o básico. Primeiro venho perguntar: "o que lhe foi retirado pela raiz?", e, como um breve ritual de expurgo, convido que adubem esse solo com as confissões que lhe forem confiadas.

arth3mis é artista multilinguagem e produtora. Desenvolve trabalhos que atravessam questões pessoais, como relacionamentos e o cotidiano de um corpo negro no mundo, utilizando diversas técnicas e linguagens, desde aquarela, videoarte, arte objetual, lambe-lambe etc.

Participação no **Lab/2022**

Instagram **@arth3mis**

## Reviver, 2022

Fotografia, 30x42cm

**Byya Kanindé**
**Aratuba, Ceará, 2002**

Trago nessa coleção a força da identidade indígena, como estamos vivendo, lutando e sobrevivendo a todos os massacres encontrados. Venho por meio dessas fotografias mostrar o lugar da mulher como um ser encantado, repleto de batalhas, preconceitos e vivências sofridas, lugar onde também encontramos a espiritualidade das matas. Quero que vocês sintam as energias que quero repassar por essas imagens.

Me chamo Byya Kanindé, tenho 19 anos, sou pertencente ao Povo Kanindé de Aratuba, zona rural do Ceará. Sou ex-estudante da Escola Manoel Francisco dos Santos, estudante do curso de Hotelaria no IFCE de Baturité, além de membra do grupo Tamain e monitora do Museu Kanindé. Também fiz parte do Resistência Arte, com o projeto "O saber das plantas medicinais", e da exposição "Sussurros ancestrais", na reitoria do IFCE. Atuo como artista visual, levando em meus registros a força, a cultura, a identidade e a espiritualidade do meu povo.

Participação no **Lab/2021**

Instagram **@byyakaninde_21**

## Lambedor, 2020

Pintura com tinturas de ervas medicinais e lápis sobre canson, 32x32cm

## Fogão a lenha, 2021

Pintura com tinturas de ervas medicinais e lápis sobre canson, 42x42cm

**Eliana Amorim**
**Exu, Pernambuco, 1996, vive em Juazeiro do Norte**

As pinturas são feitas a partir de memórias coletivas e pessoais do preparo de comidas e curas nos fogões a lenha de mulheres curandeiras, quase sempre nossas mães, tias ou avós. Evocam a lembrança da imunização, realizada a partir de lambedores, a perfeita combinação da fervura de folhas, cascas, raízes e sementes adoçadas com mel, rapadura ou açúcar. Em outras epidemias, quando não se tinha/tem o acesso à vacina ou medicamentos, as cientistas da mata estavam lá, com seus laboratórios nas florestas e nas cozinhas, dispostas a enfrentar qualquer mal. Saudações às cientistas das matas e das florestas! Agradecemos pela cura. Vocês também já foram e, em alguns lugares, ainda são a linha de frente no cuidado à saúde.

Eliana Amorim (Exu, Pernambuco, 1996) é mãe, retirante, artista visual, pesquisadora e arte educadora. Licenciada em Artes Visuais pela URCA. É membra do Grupo de Pesquisa NZINGA (CNPq/URCA) e do coletivo Nacional Trovoa.

Participação no **Lab/2020**

**liliamorim79.wixsite.com/elianaamorim**

Instagram **@elianamorim_art**

Buscando possibilidades imagéticas para representar a importância do descanso no processo, essa obra foi criada e inspirada na rebeldia dos que não aceitam a falta de dignidade do cotidiano, aqueles que se rebelam para manter o fluxo da vida e que acreditam que descanso é treino.

FluxoMarginal é artista multi-linguagem autodidata que atua como fotógrafo, diretor, produtor e editor. Atualmente está envolvido como diretor do projeto "O que pode uma mulher que borda?", além de diretor visual do Coletivo Casa Luz, e designer e editor em parcerias com artistas independentes.

## Descanso da guerreira, 2022

Pintura digital e impressão em tecido, 70x100cm

**FluxoMarginal**
**Jucás, Ceará, 1994**

Participação no **Lab/2022**

Instagram **@fluxomarginal**

## Rezadeira vândala, 2015

Instalação, 150x150cm

**Juliana Capibaribe**
**Pacatuba, Ceará, 1984**

Esta instalação traz à tona o conceito de arte-vida. São rastros de uma performance, de uma dramaturgia no cotidiano, a partir da criação de uma personagem que existiu entre 2013 e 2014 (tempo) no percurso de nove praças do Centro de Fortaleza-CE (espaço). Em 2022, a instalação traz vestígios da personagem e de sua cearensidade, materializados no chapéu de palha, na cadeira de balanço, nos costumes apresentados, como o cafuné e a reza, na memória de expressões e nas crenças comuns do interior do Ceará, como: "Reza não se agradece ao rezador (a)". A memória da personagem Rezadeira Vândala vive nos nos burburinhos de sua existência, acessada através de santinhos e de videografias da época, como a do QR CODE presente nesta exposição.

Artista-educadora. Está na função de gestão do espaço Sobrado da Abolição Pacatuba-CE, desde 2016, em parceria com Instituto Eduardo Campos – IEC.

Participação no **Lab/2015**

**mapacultural.secult.ce.gov.br/agente/11196**

Instagram **@juferpin**

Esta série representa pessoas anciãs da espiritualidade de nossa comunidade. São elas que, por meio de rezas, sabedoria e fé, conseguem trazer o equilíbrio entre o plano físico, espiritual e emocional em nosso movimento indígena.

Indígena da etnia Potyguara e natural da Serra das Matas, em Monsenhor Tabosa (CE), residente na aldeia Vila Nova (zona urbana), periferia Alto da Boa Vista. Conhecido como Junior Potyguara, tenho 25 anos, sou artista visual, utilizando técnica de desenhos coloridos com inspirações do sagrado e sentimentos livres esporádicos. Faço parte do coletivo Tamain de artistas indígenas do Ceará, onde exponho as lutas indígenas por meio da arte, da retomada e de protestos.

## Pedrinho das matas; Anciãs da espiritualidade indígena Aldeia Vila Nova; A transmutadora; O pensador da mata

2021, 30x21cm

**Junior Potyguara**
**Monsenhor Tabosa, Ceará, 1997**

Participação no **Lab/2021**

Instagram **@juniormelopotiguara**

## Ramagem - fragmento de sonho, 2020

Colagem digital impressa em tecido, 180x107cm

**Ka**
**Fortaleza, Ceará, 1990**

Retomando saberes transmitidos na rotina com minha vó, Rita, e de vivências em sonhos como caminhos possíveis de construir um hoje, procuro possibilidades no processo de autonomia a partir da subversão, mirando as ramagens nativas de minha ancestralidade. Me disponibilizar a sonhar, em toda a diversidade que essa palavra e ato pode ter, é um dos mais importantes processos na decisão de lutar pela demarcação da minha co-existência. Como um corpo mestiço que nasce entre encontros, cortes, deslocamentos e continuidades, iniciar um movimento de investigação de meu passado e rastros de quem me antecedeu no território nomeado Ceará é uma ação de retomada pelo conhecimento de minhas raízes. Essa obra visual é ponto marcante como início de um autoestudo coletivo que se instala lucidamente através de caminhos oníricos. Entre tantas identidades, sou um ramo, cortado pela mão invasora, que ao acessar terra fértil, alcança raízes.

Brotou na periferia de Fortaleza e experimenta a Arte como expressão das investigações, vivências e reflexões. Atualmente pesquisa sobre arquivos e memórias ancestrais e familiares, se experimentando no processo de retomada de consciência de suas memórias nativas.

Participação no **Lab/2021** **mapacultural.secult.ce.gov.br/agente/26501** Instagram **@oh.a.kaa**

## A quem me deu o mundo - Mãe, 2021

Fotografia, 170x100cm

**Leo Silva**
**Fortaleza, Ceará, 1995**

No quintal está a minha mãe, sentada em um dos locais onde onde ela mais gosta de estar. Vemos esse lugar como um respiro e, vez ou outra, vamos até lá só para olhar o céu, a terra, o espaço, o quintal, a vida, a mãe.

Escritor, fotógrafo e documentarista. Começou seu trabalho fotográfico em 2015, fez em 2017 a exposição individual "Simples Cidade - Simplicidade", onde fotografou boa parte das comunidades que compõem o grande Jangurussu. Em 2019, lançou juntamente com Talles Azigon um fotolivro chamado Saral #2. Ainda em 2019, abriu a sua segunda exposição individual "MENINOS DE DEUS", referente a um grupo de esporte de sua comunidade. Integrou a exposição colaborativa "BUDEGAS". Em 2020, foi um dos selecionados para o Painel da Fotografia Contemporânea do Ceará. Foi um dos idealizadores e articuladores da Foto Conferência - Carcará. Além disso, trabalha com fotografia e tem diversos trabalhos na área do audiovisual e produções de escritas na cidade.

de e a espiritualidade do meu povo.

Participação no **Lab/2021** **euoleosilva.wordpress.com** Instagram **@desconectaoleo**

## Chocada, 2022

Escultura, 25cm

**Lídia Rodrigues**
**Fortaleza, Ceará, 1987**

Dos cacos de uma ovo, obra de brennand, ceramista pernambucano, surge Chocada, uma mulher que gesta a vida a revelia da violência patriarcal produzida e reproduzida nas obras fálicas do aclamado artista, problematizando as características patriarcais e fálicas tão evocadas e reconhecidas no mercado da arte prolongando e atualizando a colonização. Chocada surge dos cacos e pronta para o enfrentamento das violências seculares.

Feita no encontro de águas, laços e encruzilhadas. Lídia Rodrigues é artista multilinguagem, artivista, feminista, autista, sapatona, negra, educadora social e tantas outras coisas que é atravessada. Uma existência arisca que na quebra arrisca encontros, despedidas... composições no malote da transformação que nutrem a vida...

Série composta de pinturas e escritos em aquarela sobre sacos de estopa, material utilizado desde a época da escravidão para armazenar alimentos. Contrário às representações históricas que distorceram a imagem das pessoas retirantes, sertanejas e agricultoras, e que alimentaram o estereótipo do "matuto" no imaginário coletivo, há aqui uma ressignificação dessas imagens, na qual a artista retrata as pessoas do campo tal como elas são, referente às proporções do corpo e às condições reais de vida. As imagens elaboradas são retratos de pessoas da família da artista e de amigos/as, pessoas pretas e/ou sertanejas do seu convívio.

Licenciada em Artes Visuais/URCA, co-líder do Grupo de Pesquisa NZINGA/CNPq. Indicada ao Prêmio PIPA 2022. Evocando a força ancestral e ficcional da vida no campo, encontra nas vivências da terra o caminho que guia o seu fazer artístico enquanto artista agricultora retirante fertilizadora de imagens.

## Memória do encontro, 2021

Pintura, aquarela s/ sacos de estopa, 57x84cm (cada)

**Maria Macêdo**
**Quitaiuis - Lavras da Mangabeira, Ceará, 1996**

## Árvore genealógica, 2022

Vestido de algodão, bordados s/ algodão cru, 100x52cm

**Terroristas del Amor**
**Fortaleza, Ceará, 2018**

Ao começar um estudo de genealogia, as Terroristas del Amor tecem uma rede de relações entre o passado e o presente, assimilando seus acervos familiares ao apagamento histórico-colonial da memória afro-indígena no Brasil. Na obra "Árvore Genealógica", reúnem-se um dos poucos vestígios físicos deixado pela avó materna da artista Marissa Noana. O vestido, cuidadosamente preservado por sua mãe, foi costurado e usado por sua avó enquanto viva. Repousadas no vestido, encontram-se duas fotografias bordadas: a artista e sua mãe, ambas com idades próximas. Através das ausências, o coletivo busca enfatizar a resistência histórica da criação de estratégias de sobrevivência da população negra e indígena.

Terroristas del Amor é um coletivo formado em 2018 pelas cearenses Dhiovana Barroso e Marissa Noana. As artistas mobilizam diversas linguagens artísticas, desencadeando um processo educativo e elucidativo sobre as suas experiências e afetividades. Suas obras são, em grande maioria, autobiográficas e falam sobre suas relações com a cidade, trazendo a predominância de técnicas manuais e têxteis.

Participação no **Lab/2020**

Instagram **@terroristasdelamor**

## Máquina de costurar, 2021

Díptico, retrato analógico em médio formato, pigmento mineral sobre papel algodão, 60x90cm (cada)

**Virgínia Pinho**
**Maranguape, Ceará, 1985**

Janete é minha mãe, ela trabalhou como costureira dos 15 aos 58 anos. Antes disso, desde os 10 anos, já costurava as roupas dos seus seis irmãos. A envergadura de sua coluna foi moldada ao longo da vida, trabalhando "na posição da máquina". Nas facções de costura o trabalho é pago por cada peça executada. O tempo transformado em produto na facção exige que o corpo da costureira fique preso à sua tarefa. O tempo de trabalho engole tudo, moldando a vida e o corpo. O tempo de trabalho se torna absoluto; ao passo que o ser humano se torna apenas uma carcaça que carrega as marcas do tempo. É estabelecida a rotina de um trabalho desgastante e sem fim. Que repete sempre e infinitamente o mesmo processo. Como o suplício de Sísifo, o trabalho recai como uma rocha sobre a cervical da mulher debruçada sobre a máquina.

Artista visual, fotógrafa, professora e pesquisadora. Mestra em Comunicação pela Universidade Federal do Ceará – UFC. Desenvolve pesquisas sobre cinema e as representações dos mundos do trabalho, produção e circulação de imagens, além das relações entre memória e construção do espaço urbano.

Participação no **Lab/2017**

**virginiapinho.com**

Instagram **@vig_pinho**

# **FABULAÇÕES** do arquivo

UM CONVITE A BUSCAR FRAGMENTOS DE TEMPO,
ESCUTAR OS SONS DA MEMÓRIA E INTERROGAR
O QUE ENTENDEMOS COMO FUTURO, PRESENTE E PASSADO.

***RODRIGO LOPES***

## Mynemoscópio - Exibição N1, 2022

Instalação, 25x13x17cm

**David Felício**
**e Jorge Silvestre**
**Fortaleza, Ceará,**
**1996 e 1998**

Dispositivo cinematográfico que produz um gif analógico, a partir do movimento de uma manivela. Movimentar arquivos de uma função monolítica para uma função especulativa é uma forma de escolher as histórias que queremos acreditar. No desejo de criar uma ilusão ótica a partir da persistência retiniana, aproximamos imagens sequenciais que nos fazem perceber o quão é física a ação da história. O movimento aqui é uma mentira que o olho é determinado a acreditar. Um arquivo pode ser uma narrativa pessoal, política, econômica, cultural ou mitológica, mas quais são os movimentos necessários para que ele se torne história?

David Felício é educador, pesquisador e aventureiro visual, residente em Fortaleza. Formado em História pela UFC. Desenvolve pesquisas independentes em torno da história, memória e explora as interseções desses campos às práticas educativas e artísticas.

Jorge Silvestre é artista visual, arte-educador e diretor de fotografia. Pesquisa esmiuçando as noções de arquivo contidas na produção da história, memória e suas formas de controle, em especial no seu estado natal.

Participação no **Lab/2019-20**

Instagram **@davidfelicioa & @jorgesilvestr**

A partir de uma perspectiva reflexiva sobre a imagem como dispositivo de memória, esta instalação reúne cerca de cem fotos, em tamanho 3x4. São lembranças e momentos valiosos para a artista, que relaciona a grandiosidade dessas memórias com o tamanho da fotografia impressa, evidenciando a potencialidade das miudezas cotidianas e suas relações com a afetividade, enquanto apresenta uma ótica do uso da fotografia em sua função mais primitiva: registrar momentos.

Trabalhadora da cultura, artista-docente. Graduada em licenciatura em Artes Visuais pelo IFCE. Gosta de muitas linguagens, mas provavelmente prefere os quadrinhos. Fez parte do "Coletivo Fubá", "Coletivo Duas Catitas" e da Editora Zinext. Muitos talentos divididos em 1,48m de altura.

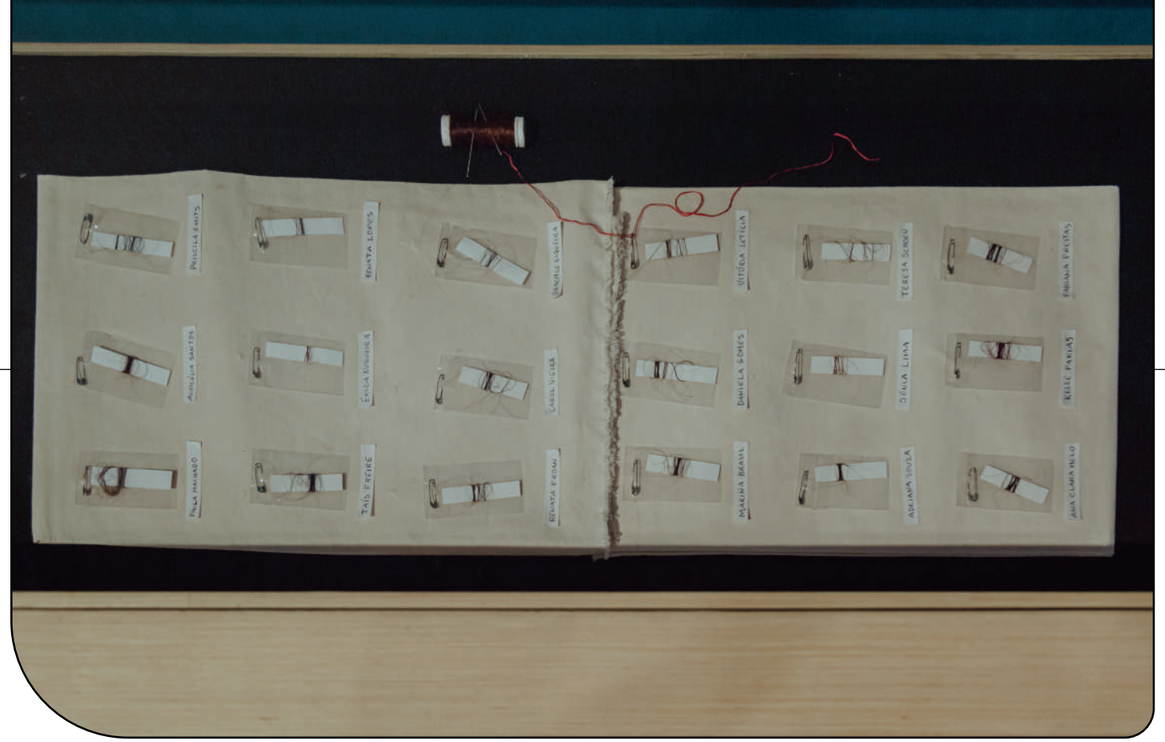
## 3x4, 2019

Instalação, 4x3cm (cada)

**Milena Fernandes**
**Caucaia, Ceará, 1992**

Participação no **Lab/2019**

Instagram **@desenhosmilenares**




## Arquivo capilar, 2019-2022

Objetual,
dimensões variadas

**Núbia Agustinha**
**Independência,**
**Ceará, 1966**

Objeto que carrega os traços genéticos, o DNA. Cabelo, materialidade presente na História da Arte em diversos tempos. A outridade presente na obra. Cabelos produzindo um corpo coletivo. Pluralidade, singularidade presentes nos fios bordados com os nomes das doadoras, numa manta de afetos. Obra atiçada pela estética relacional (BOURRIAUD, 2009), que aproxima vida e arte, atravessada por linhas rizomáticas (DELEUZE; GUATTARI, 2011).

Tenho formação multidisciplinar em cursos livres e acadêmicos. Ampliei o meu pensar e fazer em artes em 2019, quando participei do Laboratório de Artes Visuais pela Escola Porto Iracema das Artes. Atuo como professora/artista/pesquisadora. Minha produção poética é atravessada pela escrita, gravura, instalação, performance, fotoperformance e videoperformance.

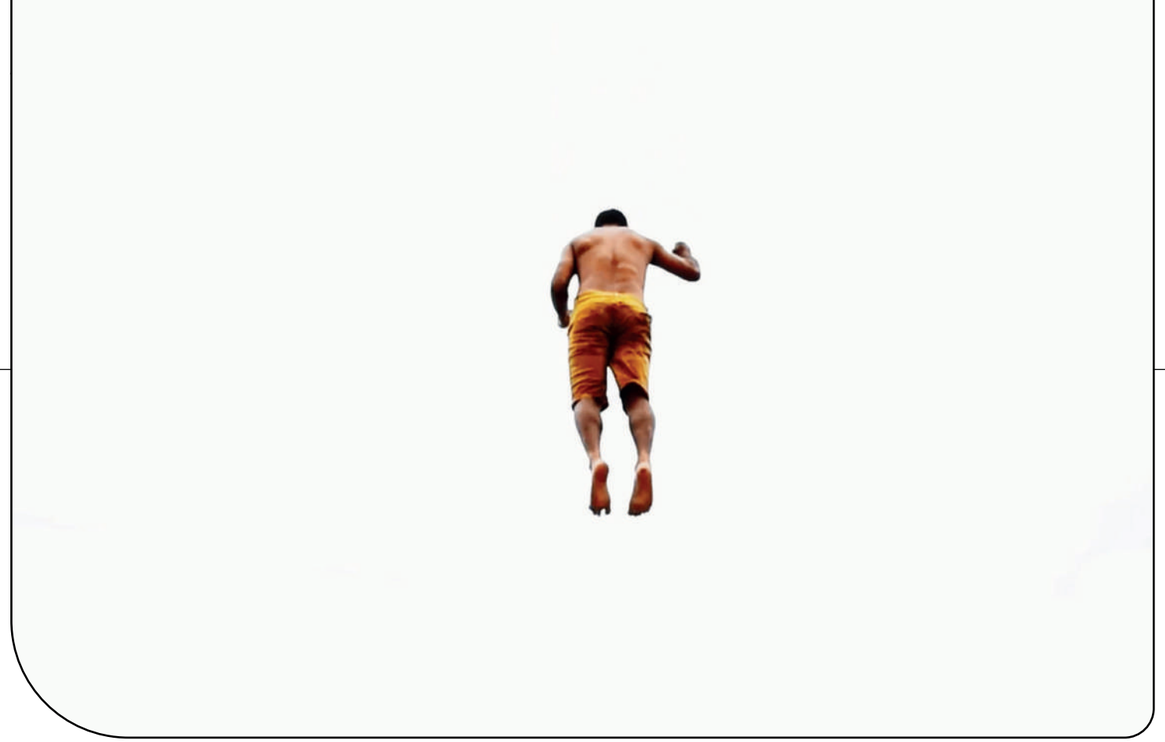
Não sei até que ponto o que eu lembro é de fato uma memória ou é o que ela me conta, mas lembro e tenho as fotografias dos meus antigos cortes de cabelo. Às vezes eu as consulto, às vezes eu consulto-a(s). Ninguém nasce travesti, torna-se travesti.

De todas as definições que eu poderia especificar em tão resumido espaço, resumo que sou andarilha, travesti e artista. Enquanto escrevo, visto somente uma calcinha de aquendação preta apertada. A única coisa que me serve é esta calcinha de aquendação. Ninguém me conhece tão bem quanto ela.

## Meu cabelo (Toalha na cabeça), 2022

Instalação e Performance
Ritual, 180x360cm

**Paula**
**Fortaleza, Ceará, 1993**



## Quando o passado for presente lembra-se de mim no futuro, 2022

Vídeo, 18'

**Rafael Vilarouca**
**Icó, Ceará, 1987**

Entre histórias particulares e coletivas, diferentes momentos ritualísticos encenados nas fotografias do arquivo familiar do artista. Tentando compreender a interioridade dessas imagens e sua significação no presente, busca-se desvendar - e simultaneamente criar, outros e novos mistérios circunscritos, para, assim, desprogramar esquecimentos.

Artista visual e fotógrafo natural de Icó (CE), vivendo em Juazeiro do Norte (CE), Rafael Vilarouca atua desde 2010 em exposições individuais e coletivas.

Gravado entre 2020 e 2022 em Icó (CE) e Lavras da Mangabeira (CE) com Margarida Mazina, Ana Liane Peixoto, Maria Risolene, Bergson Peixoto, Jurgen Rubem, Cristiana Viana, Maria Júlia Landim, Gabriela Landim, Amanda Peixoto, Crísina Araújo, Ana Júlia Vilarouca, Isaac Oliveira e Hudson Carneiro.

Vídeo/montagem **Rafael Vilarouca**
Finalização de som **Ramón Kesllen**
Identidade visual **M. Dias Preto**
Arquivos VHS **Margarida Mazina**
Arquivo fotográfico **Roberto Correia Lima, Romilda Sucupira, Nilce Peixoto e Margarida Mazina**

Participação no **Lab/2016** **rafaelvilarouca.tumblr.com** Instagram **@rafaelvilarouca**

## Nós, 2019-2021

Fotografia, 42x30cm (cada), 7x5cm (cada)

**Raul Plassman**
**Quixadá, Ceará, 1988**

Conhecer as corpas que habitam a região do Sertão Central do Ceará, com suas marcas, cores, vivências e expressões singulares. As imagens, todas feitas em câmera analógica instantânea, revelam memórias e outros imaginários possíveis para essas corpas LGBTQIA+ como um símbolo de resistência, assim como o mandacaru. "Nós" é também sobre registros de momentos de trocas afetivas entre as corpas, tanto as que posam para a lente quanto para quem faz o click.

Raul Plassman é uma bichartista do interior do Ceará que percebe a fotografia como sua principal arma para refletir sobre questões referentes às corpas diversas e às memórias que estão atreladas a elas, assim como à sua. É graduado em Design Digital pela Universidade Federal do Ceará, de Quixadá-CE.

Participação no **Lab/2021** **projeto-nos.web.app | raulplassman.hotglue.me** Instagram **@meninomaluvido**

## ecografias, 2020

Fotogarfia
e fotomontagem,
74x60cm

**soupixo**
**Crato, Ceará, 1994**

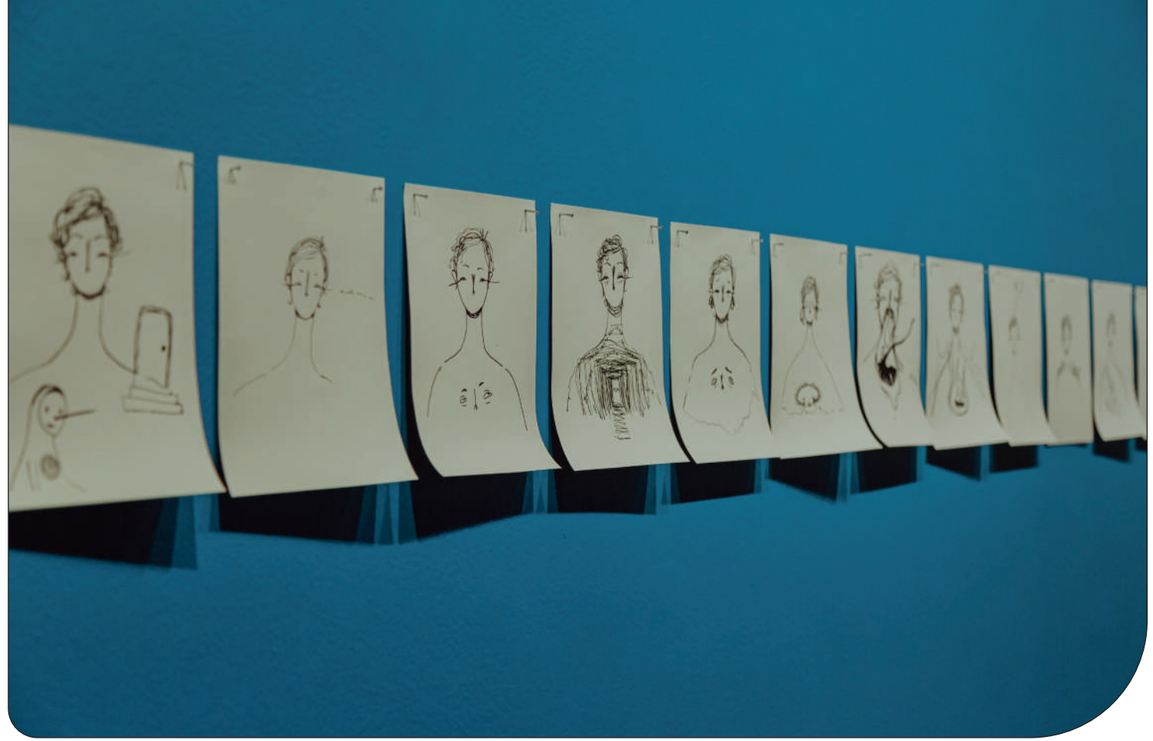
Imagens feitas a partir dos sons da saudade do que não foi vivido.
do tempo que não foi citado
visualização em tempo real passado
O que é e o que será
desenhadas sobre a pele a observar o fluxo
Composição, derivação, flexão
o sangue que hoje em mim corre é passado porque existimos para que se faça futuro
Nosso tempo em comunhão.
soupixo historicizando o invisível

soupixo, (Cariri-CE, 1994) foi desenhista profissional e bordadeira comercial na infância. Hoje trabalha como artista multilinguagem e sócia na Fatozero Produções Culturais. É formada sem diploma no curso de Licenciatura em Arte visuais pela URCA. Cria tendo como força geradora de sua poética reflexões sobre corpo, memória, gênero e raça.

Participação no **Lab/2019-20**

Instagram **@_soupixo_**





Às vezes o monstro me come, às vezes o monstro sou eu. Uma sequência de autorretratos feitos entre 2021 e 2022. Os trabalhos são impressos em folhas tamanho A5.

Atuou como Gerente de Serviços Culturais do Centro Cultural Casa do Barão de Camocim, foi proponente, artista e gestora nos projetos "As coisas não querem mais ser vistas por pessoas razoáveis", contemplado pelo VII Edital das Artes Secultfor, e "Galeria aberta: estratégias de sobrevivência", contemplado pelo VIII Edital das Artes Secultfor. Faz parte do podcast "Vamos falar sobre arte contemporânea?", com a artista Mel Andrade. Participou de exposições coletivas, como o "68º Salão de abril" 2018, "Pensamentos do coração" 2019, "Mulher vírgula" 2018 e outras.

## Às vezes o monstro me come, às vezes o monstro sou eu, 2022

Desenho, 14,8x21cm (cada)

**Beatriz Gurgel**
**Fortaleza, Ceará, 1998**

Participação no **Lab/2019**

**mapacultural.secult.ce.gov.br/agente/24974**

Instagram **@beatriz_gurgel**

# **CARTOGRAFIAS** do intolerável

O CORPO ENQUANTO SUJEITO DA HISTÓRIA EM SUAS IMPLICAÇÕES SOCIAIS, VISUAIS E MATERIAIS. ESSE NÚCLEO INCORPORA DESEJOS DE NÃO-REPRESENTAÇÃO, NO ENCONTRO ENTRE A CRÍTICA E A IMAGINAÇÃO.

***CLÉBSON FRANCISCO***

## Refluxo, 2022

Fotografia no campo expandido, 60x80cm

**Carliane Capitu**
**Maracanaú, Ceará, 1993**

Autorretrato espelhando o reflexo da self da artista e de quem observa. O alter ego, o próprio refluxo de si.

Carliane Capitu está filósofa, educadora, zineira, performeira, produtora cultural e fotógrafa. A produção mais recente foi nos curtas: "Delphine" e "Sereia do Sertão". É co-fundadora do coletivo de literatura "Transfabuladores" e integra o coletivo de artistas visuais "Sol para mulheres".

Participação no **Lab/2019**

Instagram **@1masfotos**

## Carro 303, 2022

Gravura, 18x11x6cm

**Andréa Sobolive**
**Guarulhos, São Paulo, 1992, vive em Juazeiro do Norte**

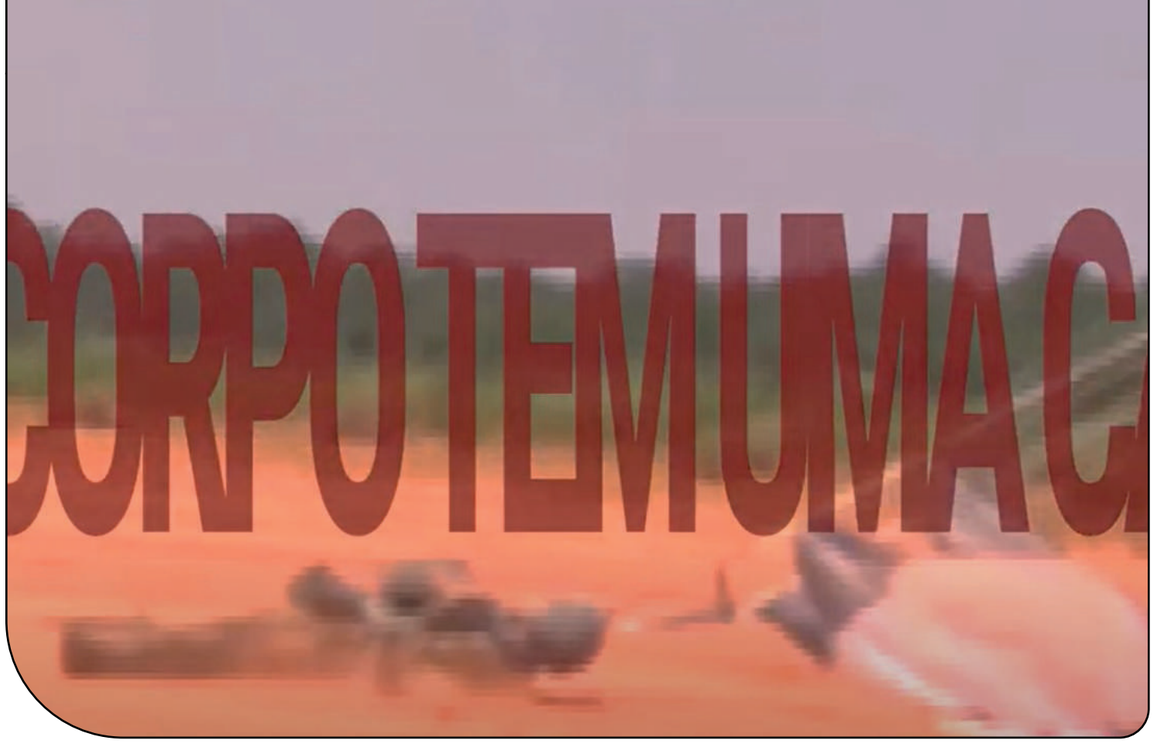
Esse processo foi deflagrado em uma experiência de trabalho durante a pandemia do coronavírus, no ano de 2021, quando fiz um diário de bordo e registros fotográficos. Aqui, apresento uma série de gravuras brotadas desse trânsito de trabalho. O título refere-se ao número do ônibus que me deslocava diariamente. Diante das fragilidades e precariedades existentes nas dinâmicas laborais, soma-se outra dimensão: a pandemia, gerando inúmeros gatilhos para pensar sociedade, desigualdade, racismo, capitalismo selvagem, até um oscilante valor da vida humana.

Andréa Sobolive (1992) vive em Juazeiro do Norte-CE. Mestra em Artes Visuais pela UFPE/UFPB. Em 2019, participou do Salão de Abril. Em 2018/2021, da Norte Bienal do Sertão, em Sobral. Em 2022, participou da exposição Confluências, na Galeria La Greca Recife-PE. Em 2022, da exposição Xilograffiti no Sesc Consolação - SP. Em 2022, participou da exposição coletiva - Escambo gráfico - SP/ BIU BRASIU - Bienne-Suiça. Atualmente, segue pesquisa em procedimentos da gravura e na confluência de questões referentes a território, memória, identidade e gênero.

Participação no **Lab/2022**

**sobolive.com**

Instagram **@andrea.sobolive**




## Todo corpo tem uma cabeça, 2022

Vídeo poema, 14'37"

**delano gurgel queiroz**
**Fortaleza, Ceará, 1992**

Um poema de um verso só, que se estende durante um tempo dilatado, e essa repetição do estático, somada às imagens que passam ao fundo, é responsável por adicionar mais densidades e complexidades ao somatório frase + imagens.

Delano Gurgel Queiroz pesquisa e trabalha em audiovisual, atuando tanto nas artes visuais como no cinema. Seus curtas já participaram de festivais e mostras, além de exposições. Em 2019, foi um dos artistas pesquisadores do Laboratório de Artes Visuais do Porto Iracema das Artes. Em 2021, teve filmes selecionados para o 31º Cine Ceará, Mostra Sesc de Cultura, CineCipó e foi ganhador do CineFest São Jorge/Go 2021 como melhor curta nacional.

Participação no **Lab/2019**

Instagram **@delanogq**

A obra tem como suporte minha carteira de trabalho em branco. Embora já tenha trabalhado formalmente, ela nunca foi assinada. A partir da lógica do reaproveitamento, prática recorrente na minha produção e em diversas outras atividades autônomas, crio pequenas estruturas que têm como teto a capa e as páginas da minha CTPS. Ao mesmo tempo em que fazem referência a barracas que vendem produtos sazonais em beira de estrada, também remetem a uma feira livre, que, assim como o ofício do artista, são exemplos de atividades informais vulneráveis a impactos econômicos.

Formado em Artes Plásticas pelo IFCE (2010). Frequentou o Programa "Imersões Poéticas", da Escola Sem Sítio (2017). Foi contemplado com o prêmio FUNARTE de Arte Contemporânea (2015-2016). Foi indicado ao Prêmio PIPA e vencedor na categoria Voto Popular Online (2014). Participou do Laboratório de Artes Visuais Porto Iracema das Artes (2014). Realizou exposições individuais e coletivas em espaços institucionais e galerias pelo Brasil. Vive e trabalha entre Caucaia e Fortaleza.

## Documento fantasma, 2020

Instalação, 10x90x110cm

**Diego de Santos**
**Caucaia, Ceará, 1984**

Participação no **Lab/2013**

Instagram **@diegodesantosarte**

## Por debaixo dos panos, 2022

Instalação, 70x50cm (cada)

**Filipe Alves**
**Crato, Ceará, 1998**

A proposta da instalação discute um assunto delicado que pouco vem sendo falado: o tráfico de fósseis que acontece no Cariri-CE, no Nordeste do Brasil. Esse tráfico, que acontece muitas vezes "por debaixo dos panos", rouba um patrimônio histórico por meio de um grande esquema internacional de contrabando para Europa, Japão, EUA, entre outros lugares no mundo. O tecido traz a ideia de esconder, proibir, iludir, desviar o olhar ou torná-lo mais curioso; ele está ali em sua frente, mas muitas vezes não se percebe. Ao subir o tecido, informações impactantes surgem, escondidas, assim como o tráfico atua.

Filipe Alves possui Graduação em Artes Visuais e Especialização em Educação Infantil pela URCA, é pesquisador de Cultura Popular, Religiosidade e Ancestralidade, atualmente reside em Nova Olinda-CE. Seus projetos, ações, parcerias e participações em residências já dialogaram com intuições, como: SESC, Instituto Claro, Instituto Coca Cola, Banco do Nordeste, Itaú, Fundação Casa Grande, Casa de América, URCA e Instituto Iracema.

Participação no **Lab/2022** **filipinhofcgalves69.wixsite.com/meusite** Instagram **@filipealves_artistavisual**

## Catálogo de simulacros, 2019

Vídeo, 1'35"

**Levy Freitas**
**Baturité, Ceará, 1992**

O vídeo "Catálogo de simulacros" é um convite a reflexões sobre eugenia e sobre como esse desejo/prática se reflete nas formações socioculturais, territoriais e políticas do Brasil. A obra traz objetos de uso comum que, quando portados por pessoas negras, tornam-se simulacros de risco, medo e morte.

Pesquisador, Geógrafo e artista multimídia. Mestre em Geografia (PPGe/UFRN) e especialista em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa (UNILAB). Como membro do SENSORIA - Núcleo de Pesquisa em Imagem, Som e Texto (UNILAB/CNPq), segue envolvido em estudos, pesquisas e extensões relacionadas a Autonarrativas, Geografias Culturais, Espaços e vidas contra-coloniais, Políticas de Racialidade, Diásporas africanas nas Américas e cinemas do Brasil e dos PALOP.

Participação no **Lab/2019** Instagram **@lxexvxyx**

Série
**Cartazes censurados, 2022**

Pintura e impressão digital

**Mãe também goza,** 42x59cm
**Eu, minha amigue e a natureza viva,** 57x42cm
**Lorayê, Exú,** 68x29cm

**Marina de Botas**
**São Paulo, São Paulo, 1975, vive em Fortaleza**

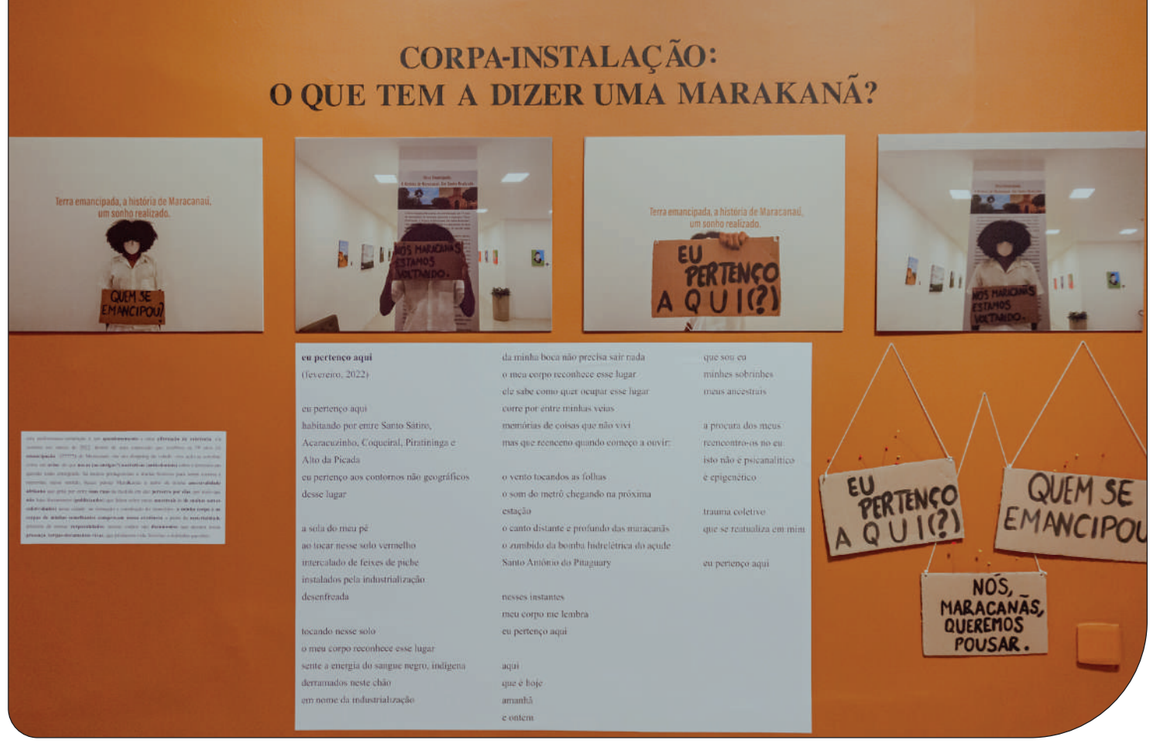
A obra trata de questões identitárias e de como a sociedade reprime e invisibiliza essas questões. A pintura/cartaz "Eu, minha amigue e a natureza viva" é um desenho que fiz para um show da banda Glamourings, mas que foi censurado pelo espaço onde ocorreu o show. Desse primeiro episódio real, surgiu a ideia de criar outras pinturas/cartazes que possivelmente seriam proibidas em diversas circunstâncias. Sobre a obra "Laroyê, Exu", o meu primeiro questionamento se constrói diante do fato de, mesmo num estado laico, as instituições públicas no Brasil expõem símbolos do catolicismo ou do cristianismo. Um cartaz celebrando o Orixá Exu seria aceito nesses espaços? Já na obra "Mãe também goza" é colocado em questão o modelo de maternidade imposto pela sociedade patriarcal.

Marina de Botas utiliza em seu trabalho artístico, diversas linguagens e questões. Produziu uma série de videoartes sobre questões das mulheres, opressões cotidianas, maternidade e realidades paralelas. Seus desenhos e vídeos flertam com as histórias em quadrinhos e com narrativas cinematográficas.

Participação no **Lab/2014**

Instagram **@marina_de_botas**






Esta performance-instalação é um questionamento e uma afirmação de existência de corporeidades negro-africanas no município de Maracanaú, a partir da minha corpa. Essa ação se constitui como um aviso: novas (ou antigas?) narrativas (anticoloniais) sobre o território estão emergindo. Há muitas protagonistas e muitas histórias para serem escritas e reescritas. Penso MaraKanaú a partir de minha ancestralidade africana, que grita por entre suas ruas na medida em que percorro por elas. Minha corpa e as corpas de minhas semelhantes comprovam a nossa existência nesse território. Nossos corpos são documentos. Corpas-documentos que produzem vida, histórias e múltiplas questões.

Antropóloga, professora, poeta, artista visual, contadora de histórias e performer. Atuo na valorização das minhas ancestralidades afrikanas e indígenas que vêm sendo retomadas a partir da ave marakanã.

**Corpa-instalação: o que tem a dizer uma marakanã?, 2022**

Foto-performance-instalação, Dimensões variadas

**zwanga adjoa nyack**
**Maracanaú, Ceará, 1996**

Participação no **Lab/2021-22**

**zwanganyack.wixsite.com/zwanganyack**

Instagram **@afromarakana**

# **MONTAGENS** infinitas

ENCONTRO ENTRE OS RASTROS DO PASSADO
E AS VISÕES DO FUTURO NUMA ENCRUZILHADA QUE UTILIZA
A COR DO TEMPO PARA RECONFIGURAR O PRESENTE.

***WES VIANA***

## The crown, 2015

Instalação, 300x450cm

**Emanuel Oliveira**
**Fortaleza, Ceará, 1986**

"The Crown" é realizada praticamente com dois elementos: pregos e cola. Uma dupla essencial e tradicional do universo da marcenaria. O motivo inicial deste trabalho é utilizar tais materiais deslocados de sua função principal, desafiando orientações originais de uso e tensionando o limite entre campos semânticos distintos. Os pregos utilizados já tiveram sua vida útil vencida: estão tortos, avariados, destruídos e acabam assumindo outro papel e função no campo da arte. O título faz menção ao coletivo, ao conjunto regido: rainhas e reis, súditos e vassalos emaranhados igualitariamente, sem distinção. A imagem do que poderia ser uma coroa, aqui é figurativamente prensada, transformando as extremidades que ansiavam pelo divinal e pela luz em espinhos pontiagudos por sua superfície mal acabada. "The Crown" apregoa na parede o que resta, o esquecido, o morto, o obsoleto.

Emanuel Oliveira é artista visual, formado pelo IFCE. Vive e trabalha em Fortaleza.

Participação no **Lab/2013** **cargocollective.com/emanuel_oliveira** Instagram **@emanueloli_veira**

## Frontispício - da queda à destruição das Torres, 2022

Instalação, 200x240cm

**Flávia Memória**
**e Luciana Rodrigues**
**Fortaleza, Ceará, 1981**
**e 1977**

Além da exploração massiva, em "Operários" Tarsila do Amaral sinaliza a diversidade racial humana. Aqui, retomamos esse gesto piramidal para repensar a exploração do capital sobre corpos, seres, elementos... no plural, como as torres, como em queda livre. Se a queda das alturas é um modo de celebrar a abertura de frestas no panóptico humanóide, a destruição das torres assinala o festim, as portas abertas pelo raio, por onde entram bichos, ervas, sons... A carta do tarô era denominada Carta do Fogo, mas por um lapso (ou colapso), seu nome mudou para Carta de Deus e depois a Torre... construções ao alto, o fogo, o chão... Revisitamos o quadro e a lâmina como um mergulho, onde assumimos o risco da transfiguração feito um clarão de raios rasgando o tempo no brilho de mil cristas e cristais...

Flávia Memória se dedica à pintura e projetos diversos.
Co-coordena a @bibliotecasabire e o @cinesabire.

Luciana Rodrigues é videógrafa e diretora de fotografia.
Realizou os curtas "28" e "Rua Rio Pardo".

Participação no **Lab/2014** Instagram **@luciana_ba_rodrigues, @ovasoaasa e @ceramicaobaiano**

Série

## Oráculo popular (em canto com João Nogueira), 2022

Algodão cru, feltro, glitter, 300x150cm

**Haroldo Saboia**
**Fortaleza, Ceará, 1985**

Oráculo é sobre canção, é sobre samba que distingue e reivindica a memória da diáspora africana. A iconografia de versos de canções de diferentes períodos históricos é um trabalho de vocação pública advinda da união entre verso, gesto e bandeira. Ao separar versos cantados e conjugados sempre na primeira pessoa, dou-lhes forma de bandeiras e estandartes. Compilar esses versos do passado no presente é imaginar futuros e identificar a partir desses versos já enunciados perguntas ainda não respondidas e ainda não formuladas. Como em todo oráculo: para quem sabe perguntar, há sempre resposta.

Haroldo Saboia é artista e atua em diferentes campos como cinema, artes visuais, dança dentre outros. Mestrando em Psicologia Clínica na PUC-SP, pesquisa a relação entre arte, embranquecimento e as noções de mestiçagem através de estratégias ficcionais da memória. Atualmente realiza projetos interdisciplinares junto a músicos e bailarinos, elaborando questões entre a oralidade, o canto e suas implicações na memória.

Participação no **Lab/2015** **haroldosaboia.com** Instagram **@haroldosaboia**

A instalação "A Vida dos Outros" é um desdobramento do projeto "Zona de Pressão", realizado em 2018 sob a tutoria do grupo O Grivo. Através do deep-listening, se propõe um exercício de reimaginação. A fita, gravada com os sons da instalação de 2018, vai sendo desgastada, gerando novas e imprevisíveis sonoridades. Um olhar para as tecnologias obsoletas como forma de experimentar novas realidades.

Roberto é músico, compositor e artista. Trabalha com a criação sonora na pós-produção para cinema e audiovisual. Multi-instrumentista e membro do grupos musical Maquinas. Pesquisa fenômenos acústicos em uma abordagem interdisciplinar que contempla a arquitetura, as artes visuais e a música eletrônica.

Tiago é bacharel em Composição pela UECE, compõe músicas experimentais eletroacústicas e instrumentais, e trabalhou em diversos projetos musicais, em gravações e em apresentações ao vivo. Como artista sonoro, produz instalações interativas; como produtor, já realizou festivais, shows e festas.

## A vida dos outros, 2022

Instalação sonora, 150cm²

**Roberto Borges**
**e Tiago Alves**
**Fortaleza, Ceará,**
**1990 e 1990**

Participação no **Lab/2018** **soundcloud.com/r_borges** Instagram**@robertoborgs e @teagoo**

## .: amÓamÚmÊssÊ :., 2020-2022

Colagem, material descartado, desenho, 180x180cm

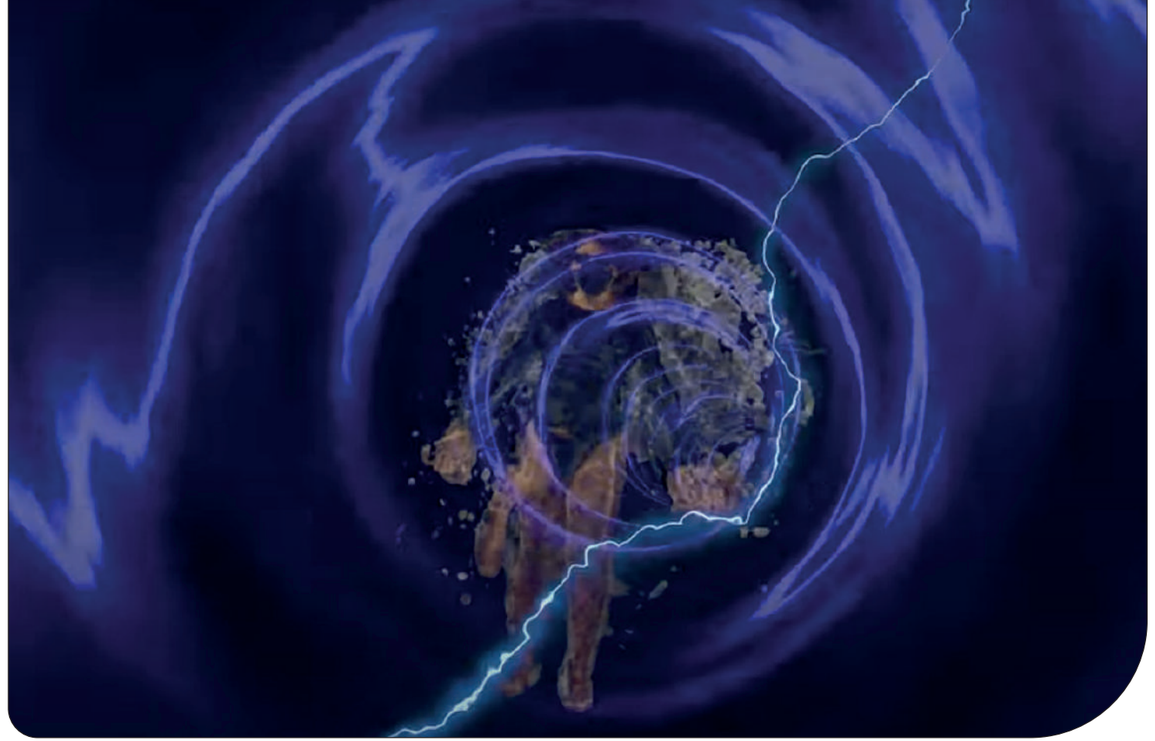
**rodrigo é @rudriquix**
**Messejana, Ceará, 1985**

Compilado de restos de materiais que colhi, andando pelo bairro de Messejana e pela cidade de Fortaleza. Esse compilado monta uma obra de várias mãos em decomposição e corrosão do tempo. Tudo de forma genérica, pois são panfletos de dentistas, rótulos de sacos de lixo, embalagens e outras expressões do cotidiano.

Rodrigo Cavalcanti Colares (Messejana, 1985) é jornalista, músico y @rudriquix, o artista_genérico. Trabalha com colagens sonoras e visuais, descontextualizando índices ordinários, investigando sintetizadores, distorções, timbres primitivos e urbanos. Lançou 03 (três) discos solo – "Máximos simples", "Revoada noturna" e "Bispo clonazepam" –, além de integrar as bandas Dronedeus, Fóssil e Missjane. Atualmente desenvolve o projeto AhaMuzike, no qual se debruça sobre o cenário e projetos de música da história recente de Fortaleza, Ceará.

Participação no **Lab/2019** **studiolofimesse.tumblr.com** Instagram **@rudriquix**





## Mizu, 2022

Video, 13'05"

**Trojany**
**Icó, Ceará, 1993**

Como decretar o fim (?) da arquitetura cinema como expressão que ocupa o topo da hierarquia audiovisual, da expressão artística e dos financiamentos. Mizu é um tiro no pé do saci. Atravessar pisando em ovos um armário sujo, um almoxarifado queimado, uma pasta digital presa no computador prestes a ser esquecida e abandonada, presa em uma arqueologia espontânea, reviso diversos materiais, filmes que nunca aconteceram, dias de sensibilidade e dor. Um abraço calmo na busca de uma maneira intima de se expressar através do filme sem baixar a cabeça aos esquemas coloniais que se estabelecem entre a câmera (arma) e o objeto filmado (corpo negro). Falhando sempre.

Trojany atua em colaboração com projetos de cinema e artes visuais perpassando ideias de quebra tempo com o passado, presente e futuro, dissidências sexuais e de gênero e processos de racialização no sertão do Brasil. Pesquisa as dicotomias entre tecnologia, arte, ancestralidade, softwares e hardwares livres, criando ambientes de exp. virtual e web arte, repensando e questionando a materialidade do museu e do cinema buscando estratégias de acessibilidade artística na web.

Participação no **Lab/2016** **trojany.com.br** Instagram **@trojany_**

## Vamos produzir arte juntes?, 2022

Performance/instalação, 300cm

**Vi Cavalcante**
**Picos, Piauí, 1996,**
**vive em Fortaleza**

O trabalho consiste em uma instalação performática na qual a artista convida os espectadores para conversar, se conhecer e, a partir disso, construir trabalhos coletivos com os materiais artísticos dispostos na instalação.

Vi Cavalcante é artista, produtora e faz-tudo. Nasceu no Piauí e vive no Ceará. Estudante do curso de Licenciatura em Artes Visuais do IFCE, com diversas formações paralelas em artes. Entende a coletividade e as relações interpessoais como potencializadoras do processo criativo.

Participação no **Lab/2019**

Instagram **@vi_uma_nuvem**

# **POTÊNCIAS** DO *gesto*

CONFRONTAR ESPAÇOS UTILIZANDO A PALAVRA E, ATRAVÉS DO GESTUAL MUNDANO, CRIAR FAÍSCAS NO COTIDIANO. ALI ONDE A VISTA E O CORPO JÁ ACOSTUMARAM.

***MEL ANDRADE***

## Bonito pra chover, 2019

Videoperformance, 8'12"

**Allan Diniz**
**São Paulo, São Paulo, 1987, vive em Fortaleza**

Três bailarinos, um fotógrafo e um videomaker refizeram o percurso da linha férrea que passava pelos campos de concentração do Ceará, onde milhares de pessoas foram encarceradas, em péssimas condições sanitárias, ou mortas durante as secas de 1915 e 1932. Esta obra remonta memórias populares das chuvas e das secas no sertão do Ceará (Brasil) e levanta questões políticas e ambientais sobre a água e sua gestão, sobre movimentos migratórios em massa, religiosidade, crises climáticas e políticas genocidas. A travessia dançada e revivida em cada cidade nos leva a uma experiência imersiva e sensível.

Allan Diniz é artista audiovisual, fotógrafo e jornalista. Mestre em Comunicação (UFC), especialista em Linguagens e Mídias Digitais (Uni7) e graduado em Comunicação (Unifor). Atua internacionalmente, conectando comunicação, artes e tecnologia por meio de pesquisa em audiovisual e fotografia.

**Ficha Técnica**
Dança e concepção **Fabiano Veríssimo, Marcio Medeiros e Paulo José**
Fotografia e concepção **Levy Mota**

Participação no **Lab/2016** **allandiniz.com** Instagram **@allandiniz_**

## Sustenta a Rizada, 2022

Intervenção em fachada, 133x380cm

**Duda**
**Fortaleza, Ceará, 1992**

"Sustenta a Rizada" é um trabalho de palavra para fachadas. O mantra pandêmico de resistência relembra que é preciso rememorar aquilo que move o nosso desejo para mantê-lo vivo em nós. Parte de uma série de frases que originalmente ocuparam, ao som do pandeiro, a clausura pandêmica do artista, o uso da palavra como grito de guerra e como ato terrorista tece uma trama de empoderamento de um lugar situado entre a esperança e a resiliência, entre a poesia e a pintura, entre o dizer e o viver. Seja como iluminura, para Manuel de Barros, ou como palavra-navalha, para Itamar Assumpção, a palavra é um "Kamiquase" de sentidos a explodir e vibrar pelos nossos corpos. Da série de pequenos trabalhos do artista.

Artista solar, publicitário e comunicólogo (UFC) de formação. Realiza pequenos trabalhos em artes visuais para cultivar lugares possíveis de vida e aprender a voar, pássaro que é. Aprimorou o pensamento musical que possui com Itamar Assumpção. Situa sua pesquisa entre a palavra e a cura, toca piano e pandeiro.

Participação no **Lab/2021** **dudalab.wixsite.com/dudalab** Instagram **@dudablf**

## Indicador social para jardim, 2021

Acrílica sobre placa,
120x60cm

**Jared Domício**
**Fortaleza, Ceará, 1973**

Em uma placa de jardim, usualmente usada para identificar plantas ou mostrar frases que inspirem felicidade, a frase põe em questão tanto a relação entre meio urbano e natureza quanto as relações sociais conflitivas inerentes ao espaço. Ainda anuncia que, no contexto de entrada de um espaço de arte, as ações artísticas são permeadas de conflitos das mais variadas ordens.

Artista visual cearense com interesse nas relações desenvolvidas entre arte, meio urbano e natureza, e suas implicações no desenvolvimento poético e físico das cidades. É graduado em Ciências Sociais pela UECE, mestre em Artes pelo Programa de Pós-Graduação ICA-UFC. Paralelo à produção artística, atua como professor em cursos livres e desenvolve pesquisa em curadoria, de forma independente.

Participação no **Lab/2018** **facebook.com/jared.domicio** Instagram **@jared_domicio**

## OCUP-AÇÃO: Corpa Preta, 2022

Performação, Dimensões variadas

**Jeff Santos**
**Madalena, Ceará, 1988**

O que pode uma Corpa no Museu? O que pode uma Bixa-Preta-Periférica-Sertaneja no Museu? Imaginar Corpa Museal é possibilitar a camuflagem no território em que vivemos, é uma rota de fuga tal como uma bicha-folha, que assume uma estratégia fundamental em sua trajetória de vida, buscando constantemente confundir os predadores. Corpa Museal é uma dissecação pública das estruturas violentas, opressoras, piramidais y cooptadoras, sobretudo uma ocupação de Corpas Pretas dentro do espectro institucional, cujos desejos y trocas ascendem a sua idiossincrasia y um valor incomensurável, não tangível, mas de um permeável-sensorial-coletivo, este escapável ao desenho museológico hegemônico.

Sou Jefferson Santos, tenho minhas raízes no Ser-Tão de Madalena-CE. Atualmente me considero MultiArtiVista. Minhas poéticas de encruzilhadas se atravessam y geram vários bugs na sociedade, atiçando instabilidade no corpo, tempo y espaço a cada performação que realizo, como ginga, como memória em movimento, como giras epistemológicas, cujas imagens são sopradas de dentro, instaurando corpo como lugar de encontro.

Participação no **Lab/2019** **jeffersonskorupski.wixsite.com/jskorupski** Instagram **@jeffskorupski**

## Lazarus, 2020

Placa de metal esmaltada,
5x35cm

**Júnior Pimenta**
**Orós, Ceará, 1983**

Lazarus, "levanta-te e anda". O trabalho parte dessa passagem bíblica, que apresenta o renascimento a partir do levantar-se. O simples gesto corporal de levantar para ler apresenta uma possibilidade de um gesto de não subordinação. Não baixar mais a cabeça é uma ação que traz dignidade e faz com que ressuscitemos esse gesto como um levante.

Júnior Pimenta é artista visual, vive e trabalha em Fortaleza. Mestre em Artes, pelo PPGArtes - Universidade Federal do Ceará. Possui trabalhos em acervo das coleções do Museu de Arte Contemporânea do Ceará; Centro Cultural Banco do Nordeste; Coleção da cidade do Centro Cultural São Paulo; Coleção da Prefeitura de Fortaleza. É editor da revista Reticências, além de membro do conselho editorial da revista Arte ConTexto, de Porto Alegre, e da revista Canguru, de Curitiba.

Participação no **Lab/2014 e 2017** **www.reticencias.art** Instagram **@juniorpimenta.art**

## Serra, 2018

13'54"

**Juliane Peixoto, Luciana Vieira e Raoni Freitas**

A partir de uma expressão dita para nós pelo Pajé Barbosa "sagrado é a terra que a gente protege", o processo poético do trabalho "Serra" foi produzir um vídeo em torno da cava retomada e das pessoas que a ocupam. O filme é narrado por três lideranças indígenas que contam as histórias da luta para garantir a posse de parte suas terras, que foram invadidas ilegalmente por uma mineradora.

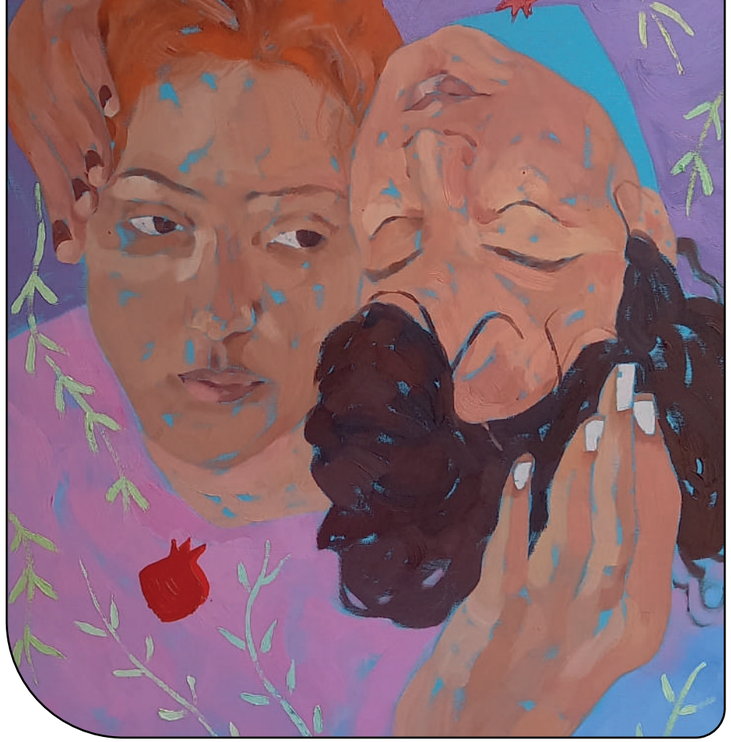
Ficha Técnica:
Pesquisa: Gustavo Mineiro
Som direto: Rodrigo Fernandes
Consultoria de montagem: Victor Costa Lopes
Edição de som e mixagem: Lucas Coelho
Identidade visual e cartaz: Samuel Tomé
Produção executiva: Luciana Vieira
Assistência de produção executiva: Tatiana Barbosa
Agradecimentos especiais: Ignácio Peixoto, Pajé Barbosa e Ticiana Augusto Lima

Participação no **Lab/2014** **https://cargocollective.com/raoluz** Instagram **@raofreitass**

# **TRANSMUTAÇÕES** afetivas

A CRIAÇÃO É UMA EXPERIÊNCIA DE TRAVESSIA PERIGOSA.
O CORPO TEM CHEIRO DE TRANSFORMAÇÃO,
PORQUE TODO MOVIMENTO TEM FORÇA DE RIO.

***LARIS MORAES***



## Amor Terrorista, 2022

Tinta a oleo, acrilica e colagem, 80x60cm

**Camila Albuquerque Alemanha, Münster, Renania, 1997, vive em Fortaleza**

"Amor Terrorista" foi criado a partir de uma fotografia de Camila Albuquerque, do coletivo artístico "Terroristas del Amor". Seus ideais incluem destruir um sistema social, para abrir espaço a vivências múltiplas, fora do mundo heteronormativo branco, onde os seus corpos e o seu amor são celebrados, construindo um mundo de amor genuíno e real.

Camila Albuquerque é artista cearense, graduada em Pintura pela UFRJ. Trabalha com diferentes linguagens, especialmente com a Pintura a Óleo e a Cerâmica, pelas quais aborda temáticas de corpos, erotismo e frutas. Já participou de exposições e residências entre Fortaleza, Rio e São Paulo. Com sua paleta de cores vibrantes e corporalidades gestuais, seu trabalho dá um enfoque cada vez maior na Brasilidade (na "gaiatice" de trocadilhos) e na experiência pessoal que se liga ao universal, através de um novo olhar do prazer.

"Se transmutar com o medo pra existir coragem" busca caminhos, veredas e possibilidades de existir, habitando esse corpo, nessa realidade, ainda tão cruel para as mulheres. Nas formas e cores, busco transformar o medo em caminho/coragem de ser, além de criar o tempo e novas possibilidades. A obra faz parte do processo de investigação da pesquisa "O que pode uma mulher que borda?".

É mestre em Serviço Social, artesã e bordadeira. Busca unir as reflexões feministas e o bordado através do audiovisual, produzindo curtas, como "Pontos, linhas e nós: uma abordagem feminista no bordado" (2020). Também produziu e desenvolveu, com outras bordadeiras, o projeto "O que pode uma mulher que borda?" (2021).

## Se transmutar com o medo pra existir coragem, 2022

Bordado sobre pintura, 19x16cm, 21x27cm, 25x30cm

**Dinha Fonsêca Assu, Rio Grande do Norte, 1993, vive em Crato**

## Dia de todos os santos, 2007

Escultura com cobertura de espinho/carrapichos

Acervo do Museu de Arte Contemporânea do Ceará

**Euzébio Zloccowick**
**Maceió, Alagoas, 1960-2016, viveu em Fortaleza**

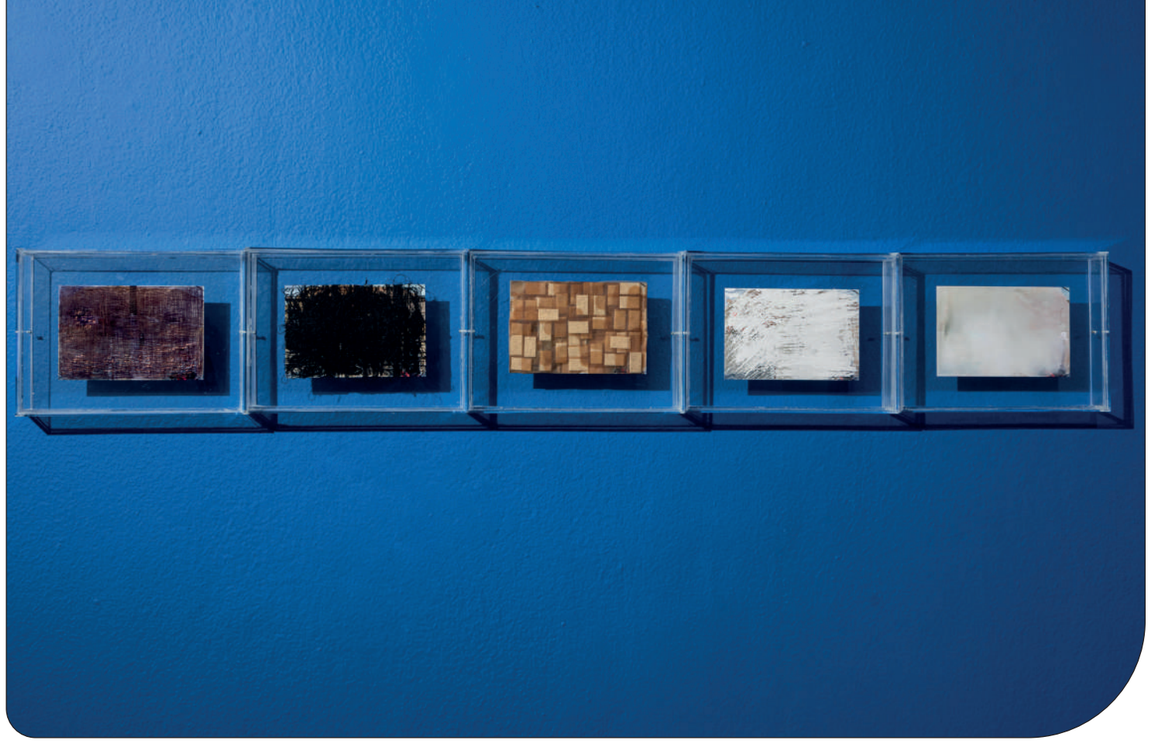
Ator, diretor de arte, artista visual e cineasta.

Participação no **Lab/2014**

**enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa473182/euzebio-zloccowick**

Instagram **@euzebiozloccowick**





## Um dia te mato dentro de mim, 2020

Instalação, 20x100cm

**M. DIAS PRETO**
**Fortaleza, Ceará, 1995**

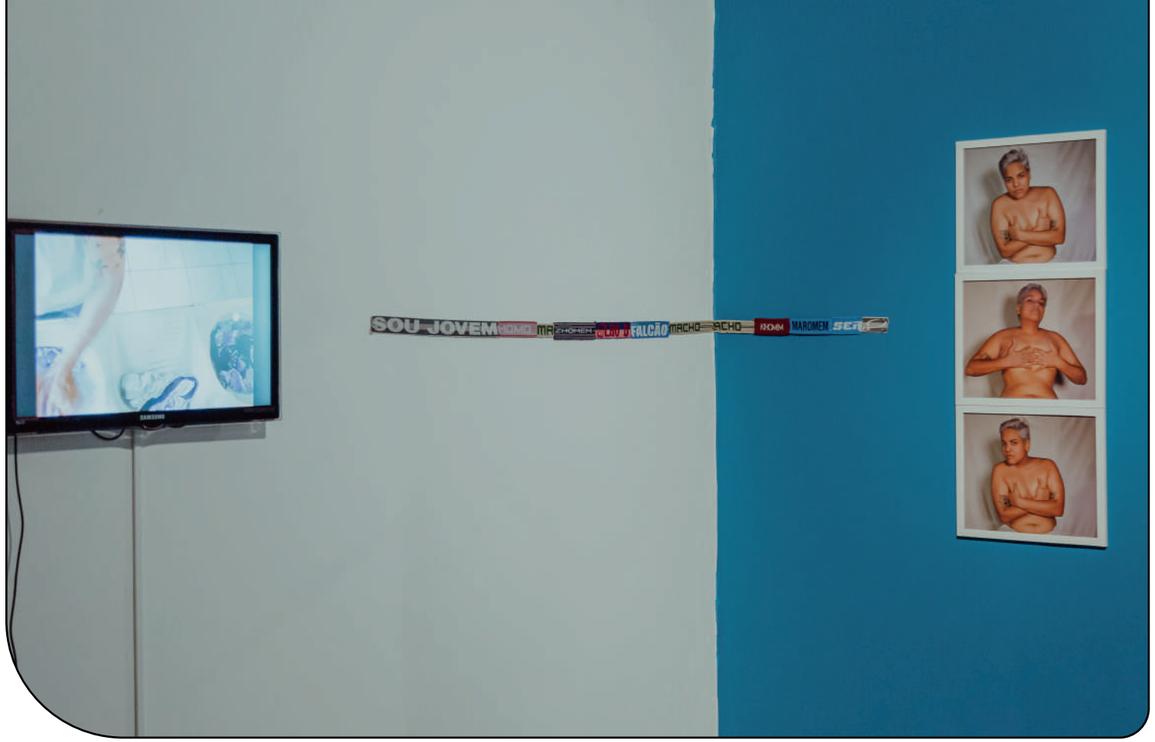
"Um dia te mato dentro de mim" é uma obra autobiográfica na qual o autor(a) utiliza a frase como cura para os seus sentimentos desprazerosos vinculados ao assédio sexual que sofreu durante a adolescência, em um estabelecimento comercial. A autor repetiu a frase diversas vezes para si, desfazendo o quebrante que lhe fora aplicado. A obra é uma proclamação de liberdade para sentimentos, memórias e sensações das quais se deseja lavar para sarar. O trabalho também é uma denúncia e ao romper com o silêncio, rompe-se com a vergonha e a culpa, transformando-as em combustível para lutar.

M. Dias Preto,1995, artista visual nascido em Fortaleza-CE, local onde vive e trabalha. Realizou sua primeira exposição individual "Campo de Passagem", fruto da premiação Décio Noviello de Artes Visuais e Fotografia, em Belo Horizonte (MG, 2022). Também é integrante do Painel da Fotografia Contemporânea Cearense (CE, 2021) e já participou do Salão de Arte de Ribeirão Preto (SP, 2021) e Salão de Abril (CE, 2021). Também integrou as exposições coletivas: "Mnemomáquina", no Festival Efêmero e no Festival de Fotografia de Tiradentes (CE, 2021/MG, 2022), e "Miragem", no Foto Festival Solar (CE, 2018).

Participação no **Lab/2019**

**heylink.me/mdiaspreto**

Instagram **@mdiaspretooo**




## Homenz, 2020-2022

Instalação, 200x200cm

**Thomas Saunders**
**Fortaleza, Ceará, 1990**

Subdividida em duas linguagens (videoarte e fotografia), e inspirada nos ideais platônicos sobre a Paidéia do homem bom, justo e belo, a obra apresenta alguns pressupostos narrativos-visuais sobre o universo contemporâneo das masculinidades em reconstrução, como a obsessão hormonal, os afazeres domésticos e as transmasculinidades.

Thomas Saunders é mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Ceará (UFC); graduando em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE); professor de artes; designer gráfico; artista visual independente e pesquisador sobre as relações entre performance, cultura midiática e masculinidades.

Participação no **Lab/2019**

**saunderz.hotglue.me**

Instagram **@thomasaunderz**

## Neo Quimera, 2022

Instalação audiovisual, 7'

**Vince**
**Fortaleza, Ceará, 1996**

"NEO QUIMERA" consiste em uma instalação audiovisual composta por um espelho mapeado por projeções. A estrutura funciona como um portal para o segundo arco dessa narrativa, que propõe a exposição presencial da instalação virtual QUIMERA, que, em decorrência da pandemia da Covid-19, foi realizada em primeira instância no modelo virtual e pode ser acessada no link instalacaoquimera.com. A obra é revisitada após o período de um ano e meio. Os cinco vídeos antes dispostos no site tornam-se um só a partir de novas experimentações que envolvem, principalmente, o uso de inteligência artificial para a criação de um organismo vivo que surge através do inconsciente e da abdicação de forma concreta, a fim de evocar uma espiral que viaja entre o passado e futuro.

Vince, mais conhecido como Vitão, é cineasta, fotógrafo, montador e artista visual. Graduado em Cinema e Audiovisual pela UNIFOR. Seu trabalho tem como base principal os estudos Queer acerca de gênero e sexualidade, e os seus instrumentos de pesquisa variam desde a disrupção da imagem até o cinema expandido.

Participação no **Lab/2022**

**instalacaoquimera.com**

Instagram **@v.it.ao**

## Revista Capricha, 2022

Colagem, 36x29cm

**Yuri Marrocos e Diego Landin Fortaleza, Ceará, 2000 e 1988**

Capricha propõe novos olhares sobre as capas de revistas homoeróticas no Brasil do final dos anos 90, mediados por emergências do contemporâneo. Do projeto gráfico paródico ao mundo kitsch dos sonhos de consumo: um exercício político de metaficção sobre a produção da fantasia e do abjeto no imaginário coletivo.

Yuri Marrocos é dramaturgo, poeta e artista visual. Graduando em psicologia pela UFC. Tem dois livros publicados: “Um Artista da Luz Vermelha” e “Sodoma e Gomorra Tropical”.

Diego Landin é escritor, artista visual e professor de teatro. Licenciado em teatro pela UFC. Diretor do espetáculo “E.L.A” e criador da marca “E R R A T I C A design”.

Participação no **Lab/2021**

Instagram **@yuri.marrocos**

# ECOLOGIAS DA *paisagem*

PERSPECTIVAS QUE RESISTEM A SIGNIFICAÇÕES ESTÁVEIS,
SÃO CRIADAS NA MULTIPLICIDADE DO OLHAR | SENTIR | TOCAR.
ANCESTRALIDADES BORDADAS COM O FIO DO PRESENTE.

***BRUNA FORTE***

## Aprendendo a lidar com peixe morto, 2018

Fotografia, 96x127cm

**Beatriz Benitez**
**Fortaleza, Ceará, 1993**

Múltipla exposição. Criação a partir de inquietações advindas do processo de gentrificação e do avanço da especulação imobiliária na praia do Mucuripe.

Fotógrafa. Graduada em Cinema e Audiovisual pela Universidade Federal do Ceará e mestranda no Programa de Pós-Graduação em Artes pela UFC.

Participação no **Lab/2019**

Instagram **@biabenitez**

## Corpocasa, 2020

Fotoperformance, 23x23cm

**Cecília Andrade**
**Fortaleza, Ceará, 1978**

A série "Corpocasa", produzida no período pandêmico da Covid-19, articula relações de cuidado nas escalas casa-corpo-cidade-mundo.

Cecília Andrade é artista visual, arquiteta e urbanista. É mestra em Artes pelo Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Ceará. Sua pesquisa resultou na exposição "Excursão Pajeú", com a qual foi finalista do Prêmio Select de Arte e Educação, em 2018. Participou do Laboratório de Artes Visuais do Porto Iracema das Artes, junto a Allan Diniz, com o projeto de pesquisa teórica em Artes "Onde sopram os ventos, fincar os pés na areia", com tutoria de Cláudio Bueno, que produziu um percurso entre artistas e poéticas relacionadas às mudanças da paisagem em Fortaleza, entre 1980 e 2016. Desde 2020, é professora da Faculdade de Arquitetura da UFBA em disciplinas de ateliê e desenho.

Participação no **Lab/2016**

**ceciliaandrade.com.br**

Instagram **@ceciliaandrade.arte**

## Paisagens possíveis, 2020-2022

Aquarela, spray, tinta acrílica, objetos sobre material residual, 30x45cm e 22x30cm

**Claudia Sampaio**
**Fortaleza, Ceará, 1967**

"Paisagens possíveis" surge em 2020, período pandêmico e de desgoverno caótico. Sensibilizo sobre as superfícies sensações tensas e inquietantes de quem se indigna com a humanidade, porém se reconforta acreditando que a vida não é proscênio para a crueldade.

Artista Visual e professora. Pós-graduação em Arte-multimídia pela Universidade do Amazonas (UA). Em 2004, iniciou a obra de site-specific "+ Um Dia", na Casa Intervenção. Participou do "VI Workshop Arte Provence", em Saint-Désiré, França. Fez residência artística pelo Instituto Sérvulo Esmeraldo, em 2019. Participou de várias edições do Salão de Abril, sendo premiada nas edições do 51º e 57º. Fez individual no Centre de Création Littéraire, em Grenoble, França, 1991. Expôs em Boussac e Nuremberg. Dentre as principais exposições estão: "Artista Invasor", no MAC Dragão do Mar, 2007; "+ Um Dia", no CCBNB, 2009; "Casa Enquanto Vida", no MAC Dragão do Mar, 2014; "Tramas do Feminino", 2021, e "Se Arar", na Pinacoteca do Estado do Ceará, 2022. Sua obra consta em acervos.

Participação no **Lab/2013**

**mapacultural.secult.ce.gov.br/agente/60538**

Instagram **@claudiasampaioart**

## Ativações gênicas, 2022

Instalação, 200cm

**Batalha**
**Manaus, Amazonas, 1991, vive em Fortaleza**

São décadas de anúncios oficiais, acordos e tratados voltados a alertar como nosso uso dos recursos naturais impactam os ecossistemas, mas ainda assim está difícil a assimilação das consequências nas formas de vida humanas. Tanto se fala, muito se deseja e pouco se move. Aqui anseio mover imaginários, quebrar dormências de tantas sementes plantadas e germinar outros mundos.

Artista/bióloga e produtora cultural. Ciências Biológicas - UFC. Manaus (Amazonas)/ Fortaleza (Ceará). Traduz memórias, conversas e partilhas, e converge com apropriações científicas, a partir de diversas linguagens. Produtora e idealizadora do Ateliê Migratório. Participações: "Porto Marine de Imagens – 3º Salão de Arte do Porto" (2018); "Comfigura" (2018); "Gesto tempo" (2019); II Semana de Arte Urbana do Benfica (2019); "Linhas da cidade" (2019); Projeto Deusas dos Muros (2019); Mostra Arrabalde (2020); Festival Concreto #7 - Festival Internacional de Arte Urbana (2020); CumbuCOR de Verão (2021); "O corpo é o centro da tempestade" (2021); e "Galeria aberta: estratégias de sobrevivência" (2021). Espetáculo "Segunda Classe" (CPBT - Noite, 2022).

Participação no **Lab/2019**

Instagram **@batalha.l_**

## Colheitas, 2022

Fotografia, 50x70cm (cada)

**Léo Silva**
**Maracanaú, Ceará, 1991**

Uma vez eu ouvi que as mãos são extensões do coração. O gesto de colher café, algodão e açúcar emerge nessa obra como uma reconexão com o coração da terra ao fabular outras memórias e circulações que escapem do espaço-tempo colonial, moderno e metropolitano de expropriação capitalista.

Artista visual, realizador audiovisual, pesquisador e educador. Trabalha entre as artes visuais, o audiovisual e a performance, a partir de pesquisas-criações implicadas com as memórias e as imagens em estado de migração e de coabitação ecológica que possam escapar dos impactos ambientais, coloniais e capitalistas de metropolização da vida. Vive e trabalha em Maracanaú, onde também colabora em projetos culturais no Instituto Antônio Justa.

Participação no **Lab/2017 e 2021** **www.leo-silva.com** Instagram **@leossilvass**

Quantas camadas compõem uma paisagem? O que define um território? A quem pertence o lugar? Disputa política, de narrativas e de interesses. Diferentes usos, muitos tempos, um lugar.

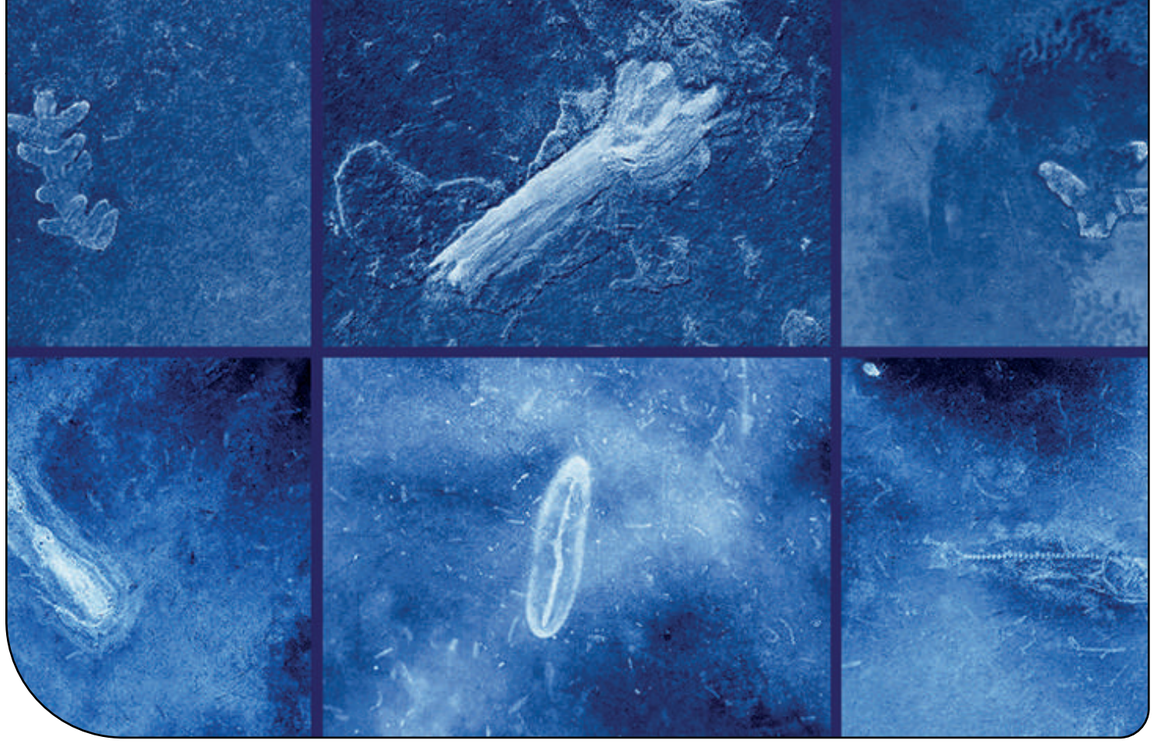
Artista e mestra em Processos Artísticos Contemporâneos (UERJ-2016). Pesquisa paisagem, territórios, cidade em meio a temporalidades e anacronias. Escreve textos, já fez algumas curadorias e atualmente está como professora de artes na Universidade Regional do Cariri. Realizou duas exposições individuais e editou a revista Avoante. Participou de alguns projetos de artes e de uma série de exposições coletivas.

## Atravessamentos (Sabiaguaba, CE), 2022

Instalação, 90x30x50cm

**Mariana Smith**
**São Paulo, São Paulo, 1981, vive entre Crato e Fortaleza**

Participação no **Lab/2018** **cargocollective.com/marianasmith** Instagram **@marizmith**



## Cianofóssil, 2018

Cianotipia, 21x28cm (cada)

**Naiana Magalhães**
**Fortaleza, Ceará, 1986**

Nesta série, cianotipias de fósseis de plantas em pedras cariri são justapostas. Os fósseis encontrados e fotografados por mim, durante caminhadas nas calçadas de Fortaleza, são algas de 100 milhões de anos encontradas na região do Cariri, no sertão cearense. Os fósseis chegam às calçadas do litoral por meio da construção civil. Com as cianotipias, quis evocar os primórdios da fotografia, quando a botânica inglesa Anna Atkins produziu o que seria considerado um dos primeiros livros ilustrados por fotografia, a enciclopédia botânica "Fotografias de Algas Britânicas: Cyanotype Impressions", de 1843. Tempos depois, me vejo coletando algas no litoral, assim como Anna, porém sendo fósseis. Durante o processo artesanal da cianotipia, ao mergulhar a impressão dos fósseis na água, estes se revelam em azul, como se eu quisesse devolvê-los ao fundo do mar novamente.

Graduada em Artes na Unifor (2012) e mestra em Artes na UFC (2018). Estudou na Escola do Parque Lage (RJ, 2013-2014). Participou de diversos salões e exposições coletivas nacionais e internacionais.

Participação no **Lab/2016**

**naianamagalhaes.com**

Instagram **@naianamss**

# **ALIANÇAS** interespécies

O QUE É FÉRTIL INCORPORA E SE DESLOCA COMO FLUIDO; ADUBA E TRANSMUTA COMO BARRO NO CÉU DA BOCA DO MARIMBONDO. E VOCÊ, OLHO D'ÁGUA?

***KULUMYM-AÇU***

## Raízes, 2020

Fotoperformance,
63x93cm, 93x63cm

**Bárbara Moira**
**Fortaleza, Ceará, 1998**

Sempre nômade. Desde a infância, os lugares por onde passei nunca foram pontos de acolhimento e muito menos mereceram o nome de lar. Nunca tive arrimo e talvez não saiba como ter arrimo-próprio. Dando voltas e voltas, ainda me encontro em um anti-lar. Trago em mim os mesmos calos e as mesmas cicatrizes que não gostaria de trazer, mas essas violências que me atravessaram são as que forjam as minhas narrativas e a minha dor-penitência de ser mulher, envolvendo minha forma de ser e de estar no mundo.

Bárbara Moira é vulcanóloga, especializada em erupções interiores que extravasam em si através de lágrimas piroclásticas, lava que escorre pela epiderme, criando algumas visualidades que por vezes podem-se chamar de obras. É ex-futura-bióloga e experimenta o fazer artístico principalmente pela fotoperformance. Suas pesquisas são permeadas pelo feminino e feminismos, entrelaçando-os com autoficções e autobiografia, e perpassando lugares como corpo, cidade, violência e especismo.

Participação no **Lab/2019**

**www.barbaramoira.com**

Instagram **@barbarisma**

## Tecitura para Oxum, 2022

Colagem, 92x66cm

**Celeste**
**Fortaleza, Ceará, 1983**

"Tecitura para Oxum" é uma reverência à Deusa das águas doces, da fertilidade, da sensibilidade e das riquezas espirituais e materiais. É um exercício de tecer elos entre o sagrado e a matéria, o sentir e o fazer, o yin e o yang. Em busca de novas possibilidades de caminhos para o renascimento do fazer cotidiano, esse exercício gera um modo de percepção no qual as polaridades se unem em equilíbrio e harmonia. A obra é permeada pela representação de aspectos que envolvem mistério, sedução e artesania do sensível.

Tem formação livre em Artes Visuais. Seu trabalho é permeado pela prática da colagem a partir de imagens e conteúdos retirados de enciclopédias, livros e revistas. Tem interesse em ressignificações, universos improváveis e fantasias.

Participação no **Lab/2017**

Instagram **@celio.celestino**

## serei minhas próprias ruínas vivas em pé, 2022

Alembramentos
Colagem digital, lambe
lambe, 22x41cm (cada)
Instalação, 120x250x130cm

**ewa nïara**
**Fortaleza, Siará, 1997**

"serei minhas próprias ruínas vivas em pé" rememora que para transmutar é necessário reaprender a si mesma no meio do kaos. Armada com as espadas de Ogum e outros poderes espirituais, me torno minhas próprias imagens de cabocla. Assim, em alembramentos, aprendo quando empunhar, apontar e rasgar, mas também quando baixar as armas para continuar guerreando.

preta travesti favelada; artista transmídia y pesquisadora; territorializada em Fortaleza, Siará, Pindorama. Lança feitiços como artista visual, designer, figurinista, atriz, performer, dramaturga, escritora, poeta y outras linguagens que sua corpa atravessa. Mestranda em Antropologia Social pelo Museu Nacional (MN/UFRJ) y bacharela em Design-Moda (UFC). Neste tempo, se dedica à sua retomada ancestral nativa e makumbeira, edificando firmamentos de kura.

Participação no **Lab/2021** **linktr.ee/ewa.niara** Instagram **@ewa.niara**

## Padilha, soberana da rua, 2021

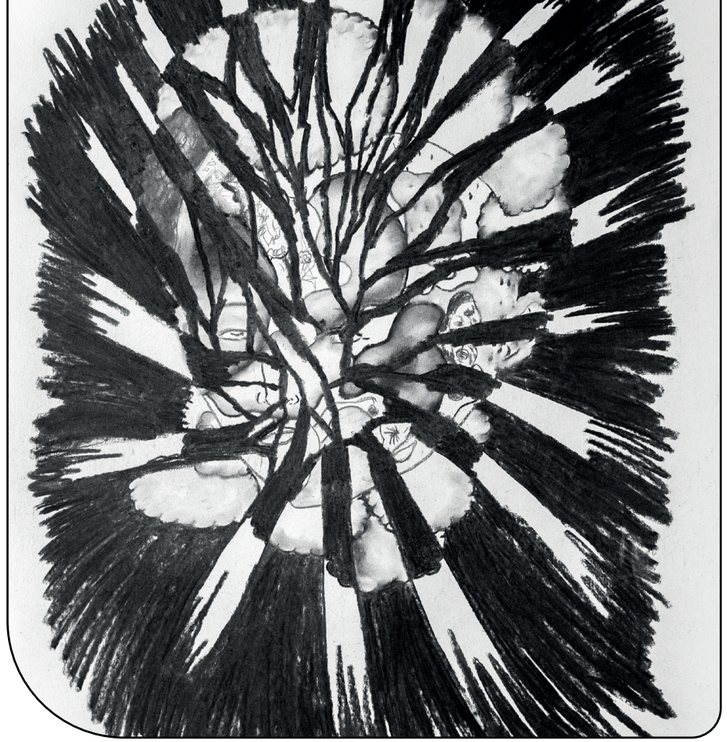
Fotografia e Instalação,
76x56cm

**Jean dos Anjos**
**Fortaleza, Ceará, 1973**

Imagem da Pombagira Maria Padilha incorporada no Pai Jonas de Oxóssi, no Bairro Granja Portugal, em Fortaleza-CE. A Instalação conta com uma pequena estátua de Maria Padilha, com rosas, champanhe, perfume, entre outros presentes oferecidos à moça, logo abaixo da fotografia. A obra faz parte de uma pesquisa realizada desde 2013 sobre as Pombagiras, entidades femininas da Umbanda que recusam a vida doméstica e vivem nas encruzilhadas. São mulheres transgressoras que lutam contra o machismo e o patriarcado. Dessa maneira, dançando, cantando, fumando e bebendo, Maria Padilha realiza sua magia e ajuda a quem crê nela. Laroyê, Dona Maria Padilha! Saravá, Exu Mulher!

Artista, macumbeiro, doutorando em sociologia pelo PPGS da Universidade Estadual do Ceará (UECE), mestre em antropologia pelo PPGA da UFC/UNILAB, pesquisador do Laboratório de Antropologia e Imagem (LAI/UFC). Concluiu a temporada formativa do Laboratório de Artes Visuais do Porto Iracema das Artes. Coordenou a pesquisa da Festa de Iemanjá de Fortaleza, registrando como Patrimônio Cultural.

Participação no **Lab/2019** **mapacultural.secult.ce.gov.br/agente/6361** Instagram **@jeanjos09**



## Matagal, 2021

Desenho, 103x73cm (cada)

**Linga Acácio**
**Fortaleza, Ceará, 1985**

Entende-se "matagal" como um território denso de plantas, uma área coberta de mato. Mas como os matagais das cidades brasileiras se tornaram um território de desaparecimento de corpos dissidentes? O que esses lugares têm a nos dizer? A obra busca refletir e desintoxicar o matagal enquanto sinônimo de violência. Matagal (2020) nasce aqui a partir do movimento pelo qual criamos uma corporeidade-daninha, crescendo na velocidade das plantas e proliferando enquanto sementes de um território possível.

Artista e curadora cearense. Pesquisa, escreve e produz conhecimentos que se contaminam entre a performance, interseccionalidade, desobediência anticolonial e virologia. Participa da SECUELA - Escola de Cuidados para Artistas Latino-Americanos, realizada por Capacete, Lugar a Dudas e Teoretica. Artista residente do programa de pesquisa em arte MAM-RJ 2021 e fez parte do Grupo de Crítica do Centro Cultural São Paulo, em 2020/2021. Desde 2012, atua como diretora de fotografia com participação em mais de 25 filmes, entre longas e curtas-metragens.

Participação no **Lab/2017**

**vimeo.com/lingaacacio**

Instagram **@lingadacobra**

## T mundus, 2022

Acrílica sobre tela, 50x140cm

**Lui**
**Camocim, Ceará, 1997**

"T mundus" se trata de uma fenda para realidades possíveis de existência dissidente, onde o processo evolutivo transdimencional nos levou a morfismos orgânicos e hibridismos geneticamente independentes. Seres originários e protetores da vida comandam a retomada de terras roubadas e a cura de rios poluídos.

Lui é transmasculino em mutação e artista multilinguagem. Nas artes visuais, desenvolve trabalhos através da ilustração em matérias mortas e vivas, animação manual e digital, peças de argila e produções audiovisuais. Experimenta o corpo-ator em palcos de teatro e sets de cinema.

Participação no **Lab/2019**

Instagram **@lhidilui**

Série

## Corpo Móvel, Vai plantar batatas, 2015

Instalação, 300cm

**Sabyne Cavalcanti**
**Fortaleza, Ceará, 1969,**
**vive em Pacoti**

"Ra i mã jàt hĩrõt!: Já brotou batata para mim!". A expressão usual de uma mulher Krahô permite vislumbrar desdobramentos etnográficos e analíticos. Batata, ou qualquer planta cultivada, não nasce simplesmente: ela brota e dá "para alguém". Antes escondida embaixo da terra, quando no tempo certo, a batata torna-se visível para a mulher. A batata brotar para a mulher significa a mulher ser vista como uma "boa mãe" pela batata, diria a mulher Krahô. Do contrário, a batata sente raiva, se esconde e não dá nada" (Ana Gabriela Morim de Lima). "Corpo móvel" me fez mergulhar nas memórias afetivas que vivi com meus pais. Plantar batatas era um plano para sustentar uma memória, guardada em segredo.

Sabyne Cavalcanti nasceu em Fortaleza (1969). Navega nas artes, criando pontes, cavando fronteiras e territórios, plantando e coletando memórias, perambulando pelas cidades ou pelo campo, apropriando-se do universo em sua volta, presente nas metamorfoses que elabora. Em "Rito" (2012), sua primeira individual, Sabyne levou para a galeria do BNB parte do povoado de Moita Redonda, onde morou (2006 e 2017) e construiu o Mataquiri Museu, Residência Artística e Escola de Artes Moita Redonda, projetos premiados pela FUNARTE e BNB. Estudou na Kunsthojskolen – Thorstedlund (1998), graduou-se em Artes Visuais, pela UGF (2005).

Participação no **Lab/2015** **issuu.com/sabynecavalcanti** Instagram **@sabynecavalcanti_arte**

Trata-se de uma obra construída a partir de uma viagem/pesquisa, intitulada Ouro Branco, na qual percorri 675 km por entre as cidades que compõem a chamada Estrada do Algodão – CE 040.

Artista visual e arte-educadora com ênfase em desenho e gravura. Formada em Artes Visuais pelo Instituto Federal do Ceará.

## Ouro Branco, 2017

Aquarela e desenho

Acervo do Museu de Arte Contemporânea do Ceará

**Simone Barreto**
**Fortaleza, Ceará, 1984**

Participação no **Lab/2016** **cargocollective.com/simonebarreto** Instagram **@simonebarretoilustra**

## Salto cultivável, 2022

Objeto, 40x40cm

**Sy Gomes**
**Eusébio, Ceará, 1999**

Fertilizar em objeto de violência. Criar um jardim sob os pés da travesti que é despida. Despida, desnuda e pelada para o mundo, mas há em meus pés um jardim. O peso do mundo não derrubará aquela que tem raízes fincadas. Uma associação com a moda, um desafio para quem usa e um objeto admirável para quem vê de longe. Um terrário dentro de um salto, onde deveria haver notas de dólar, euro e real.

Eusébio, Ceará, 1999. Sy Gomes é uma travesti negra nascida em Eusébio, no bairro Coaçu, que significa Folha Grande. Música, performance, instalação, criação ritualística, produção cultural e musical, design e paisagismo estão entre as suas obras/pesquisas. É formada em História pela Universidade Federal do Ceará - UFC. Foi parte do 71º Salão de Abril, da 8º edição do Laboratório de Artes Visuais do Porto Iracema das Artes, da 21º Unifor Plástica, além das exposições "Rarefeito", "Corpo crivado de estrelas" e "Encantadas" (Schwules Museum - Berlim). Também é realizadora de projetos como "Travestis são como Plantas", "Me Vejam de Longe - Outdoor Travesti", "Ioiô Não Vai Votar", "Centro de Gravidade" e "Ecossystema - Programa Formativo".

Participação no **Lab/2020**

**premiopipa.com/sy-gomes**

Instagram **@sygomees**

# **VIBRAÇÕES** cósmicas

A LOUCURA ENCONTRA A CURA, A LÍNGUA PERAMBULA, A PROFECIA PERFURA. ADEUS À LINGUAGEM E SUA ARMADURA, TRANSICIONAR É HABITAR A SEMEADURA.

***ISADORA RAVENA***

## Armadilha, 2022

Tela com colagem digital sublimada, Dimensões variadas

**amorfas**
**Fortaleza, Ceará, 1999**

um longo silêncio antes da explosão
um corredor coberto por plástico
os pés descalços pisam em vidros
um oceano de plástico bolha, ferro e cetim
esse lugar ainda não existe, isso são armadilhas feitas de erro
cortinas de gilete não te deixarão entrar onde cuspiu
eu não sou uma mulher, sou um relâmpago em uma pedra molhada
deslizes vulcânicos

AMORFAS confecciona narrativas e imagens fragmentadas, opacas e não-lineares. A artista transdisciplinar é atriz, realizadora audiovisual e diretora de arte. Sua criação é contaminada pelo vídeo, performance, colagem de imagens e sonora, experimentando tecidos como suporte para imagens.

Participação no **Lab/2021-2022**

**youtube.com/channel/UC2GKjht3F5Fog6AN6qhns9w**

Instagram **@_amorfas**

## Passagem dos mortos, 2022

Escultura, 190x360cm

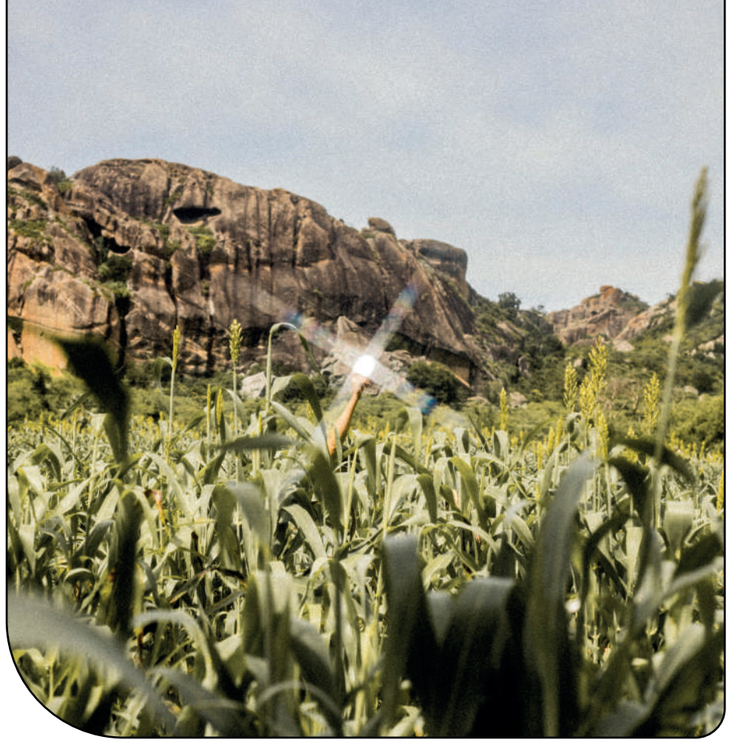
**Antonio Breno**
**Baturité, Ceará, 1994**

"Passagem dos mortos" imagina as chegadas ao descanso e ao absoluto brilho; imagina o abandono dessa matéria, onde toda a exaustão das caminhadas é expandida para o infinito, em outro tempo. O trabalho é uma homenagem a todos os parentes de quem eu ouvi falar pela boca de minha família, sem imagens, mas com os sons reverberantes sobre suas buscas por fartura, seus trabalhos, suas comidas e seus desejos de transformação. As andanças desses parentes, que deixaram desenhos na terra em busca de prosperidade, serão sempre lembradas pela memória dos que vieram depois, seja pelas contações ou pelo que carregamos no corpo. O gesto do trabalho é de celebrar, para que saibam que seus brilhos chegam até aqui.

Antonio Breno, 1994, natural de Baturité-CE, é artista visual, atualmente graduando no Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) e aluno da 6° turma de Realização em Audiovisual da Vila das Artes.

Participação no **Lab/2021**

Instagram **@brenosbrenos**



## Identificação e Proteção de Objetos Voadores Não Identificáveis, 2018

Fotografia, 60x40cm, 30x20cm

**Helenita Matos**
**Fortaleza, Ceará, 1993**

A partir do imaginário popular das histórias de aparições de naves extraterrestres em Quixadá, no Ceará, construo imagens que possam contar parte desses causos, buscando também caminhos para a ficcionalização, bem como uma investigação da paisagem do espaço, que segundo essas histórias tem potencial para atrair seres fantásticos.

Helenita Matos caminha entre a fotografia e a dança. Tem interesse no fantástico, na ficção do cotidiano e no que está para além. Formada em audiovisual pela Vila das Artes, integrou algumas exposições e realizou mostras de filmes.

Participação no **Lab/2018**

**@_helenitamatos**

## Mesa vermelha, 2020

Óleo e acrílica sobre tela, 80x60cm

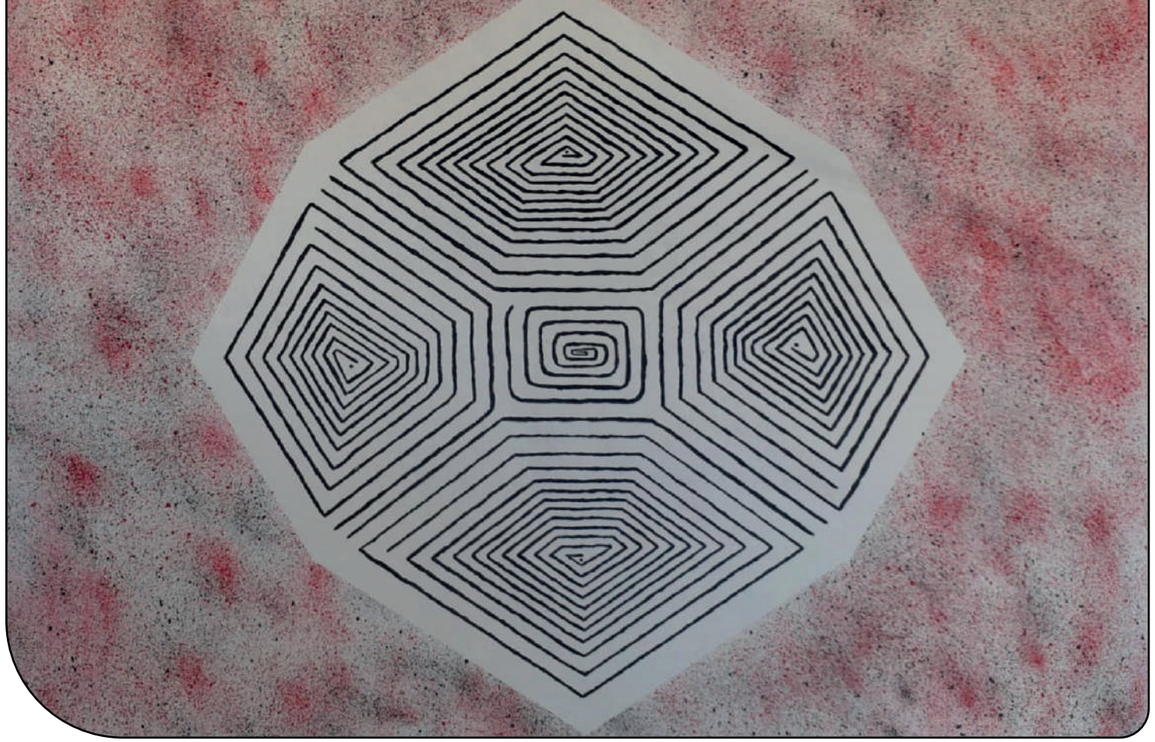
**Henrique Viudez**
**Fortaleza, Ceará, 1981**

Pintura figurativa que mostra uma pessoa andrógina num ambiente abstrato.

É artista visual. Inicia sua carreira em 2006, com a criação do Grupo Acidum, junto do idealizador Robezio Marques. Em 2008, faz sua primeira exposição, ainda como integrante do Acidum. Em 2011, junto de outros artistas, cria o espaço "Dança no Andar de Cima", um ateliê coletivo e espaço expositivo que atua até 2014. Em 2012, inicia a pesquisa "Hierofania", ao lado de Rafael Limaverde, coletando, no interior do Ceará, narrativas sobre santos populares. Sua primeira individual acontece em 2013, no "Dança no Andar de Cima". Em 2015, inicia a pesquisa "Degenero", no Laboratório do Porto Iracema das Artes, com a tutoria de Cauê Alves. No mesmo ano, participa da coletiva "Bangala: Yaka Aye", na Gentil Carioca. Em 2016, seu projeto de exposição "Mitos Indóceis" foi aprovado pelo edital das Artes de Fortaleza e no mesmo ano participa do 67º Salão de Abril. Em 2019, apresenta a exposição "Mitos Indóceis", com curadoria de Jacqueline Medeiros, na Sem Título Galeria. Vive e trabalha em Fortaleza.

Participação no **Lab/2015**

Instagram **@henriqueviudez**



## Memória, 2022

Taowá, 70x100cm

**Merremii Karão Jaguaribaras Kalembre (aldeia)**
**Feijão, Ceará, 1993**

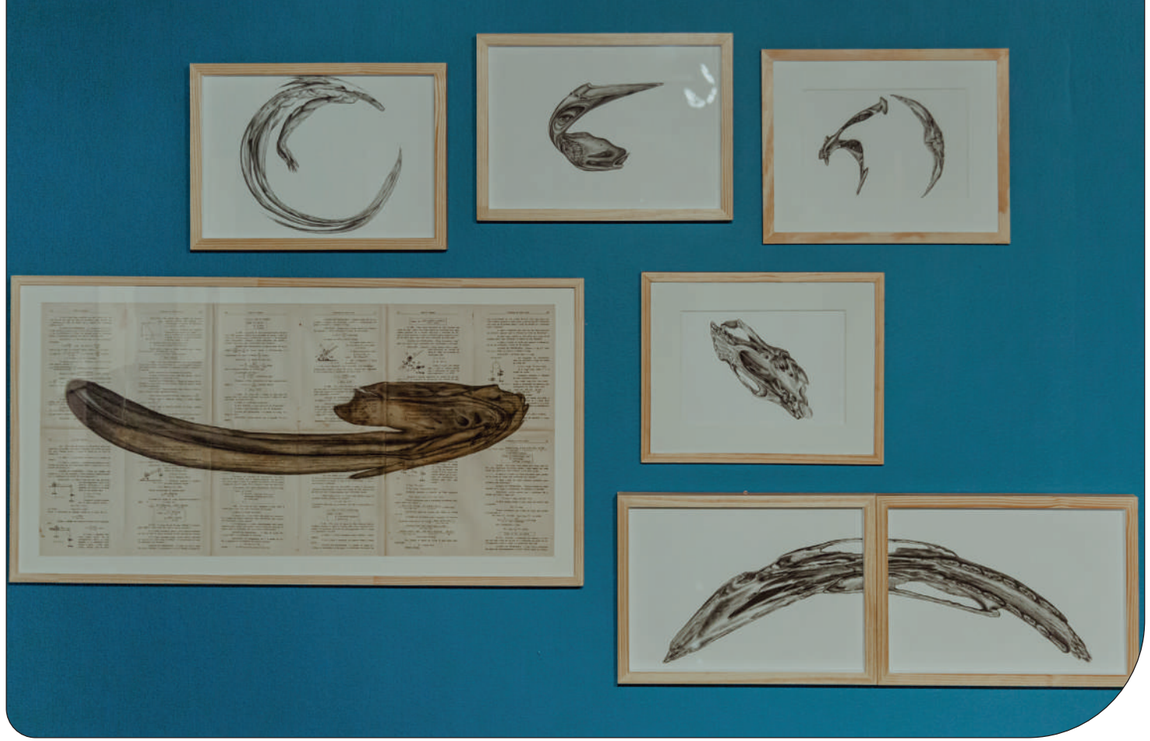
Onde habita a memória? Esse é o universo central da obra. Presente em tudo, a entidade Memória transita entre pontos que podem estar em você ou no outro, ou quem sabe numa Nação. A filosofia transcendental da memória rompe muros, eras, corpxs, formas, mesmo sem uma forma propriamente dita. E você, de qual forma é a sua memória?

Agricultora, militante indígena, contista, poetisa, ambientalista, artista visual e artesã. Graduada em Serviço Social pela Anhanguera – UNIDERP (Centro de Educação à Distância-CEAD). Graduanda em Sociologia pela UNILAB-CE e descendente das Caboclas Serpentes do Clã das cobras pretas da Nação Karão Jaguaribaras, também conhecidas como Cablocas Flexeiras.

Participação no **Lab/2021-22**

Instagram **@cabocla_serpente**





## Aberrações perceptivas, 2022

Pastel seco sobre papel Canson e páginas de livro, 29,7x42cm, 29,7x21cm, 45x92cm.

**plantomorpho**
**Fortaleza, Ceará, 1990**

"Aberrações perceptivas" se baseia em antigos mecanismos de representação que exploram deformidades óticas. O procedimento poético consiste em distorcer figuras, adulterando também as noções de plano e de volume. As obras colocam em questionamento o olhar, propondo-lhe uma experiência disruptiva, alargando, deturpando, falseando o sentido da visão, por meio da descaracterização das anatomias. Dessa maneira, as obras perturbam o desenho como lugar do conhecido, mecanismo de representação e projeção do mundo e da natureza, reconstituindo uma visão interior que metamorfoseia o espaço, os seres e as coisas.

plantomorpho é artista multimídia, graduado em artes visuais pela UFRB. Curou projetos de exposições individuais, como a exposição "Autópsia do Invertebrado", em Cachoeira (2017) e em Fortaleza (2021), além de ter participado de diversas exposições coletivas. Possui obras em coleções públicas e particulares.
Vive e trabalha em Fortaleza.

Participação no **Lab/2019-20**

**plantomorpho.wixsite.com/portfolio**

Instagram **@plantomorpho**

Série
## Linhas do destino, 2021

Bordado
Multiplicação das linhas, mudança do destino, 64x44cm (cada)
Serpente na minha voz, 54x44cm

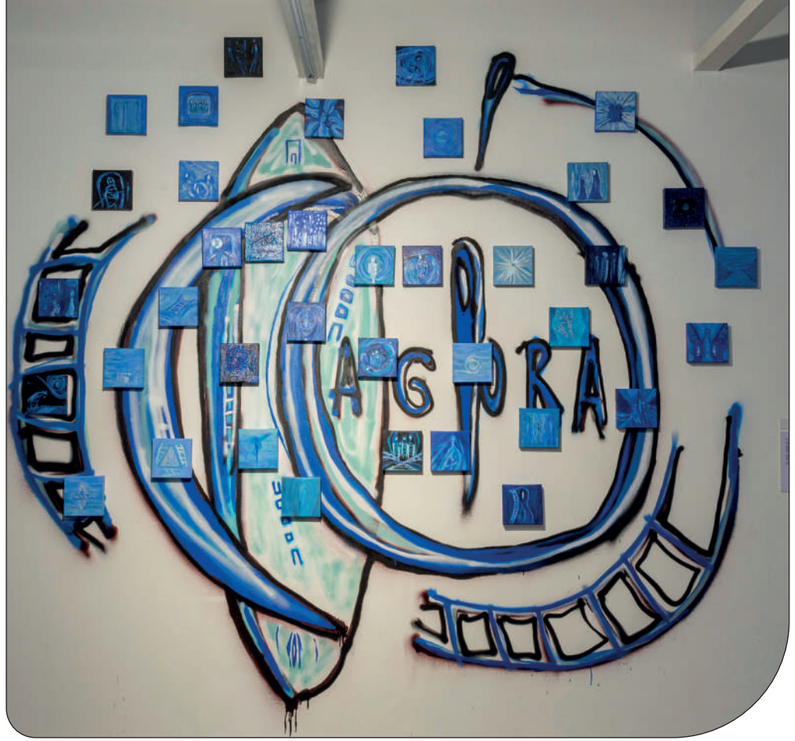
**Samuel Tomé**
**Itapipoca, Ceará, 1986, vive em Fortaleza**

Proponho uma leitura de vida-morte, gerindo imagens de coisas e fenômenos para os quais as leis naturais ainda não deram explicação. Interesso-me por aquilo que é posto como sobrenatural, que está escondido, que é secreto aos olhos.

Mestrando em Artes (ICA/UFC). Artista multimídia que recorre ao desenho, fotografia, vídeo, gif, ações e atividades coletivas para investigar situações sociais, políticas e cotidianas da vida contemporânea e do sistema de arte.

Participação no **Lab/2017** **cargocollective.com/samueltome** Instagram **@samueltome**








## Memórias futuras, 2022

Acrílica, pastel oleoso s/ tela, 15x15cm (cada)

**sid**
**Fortaleza, Ceará, 1991**

Portais, jardins imersos, longevidade, fertilização, repetições e rituais. Minha avó dizia que iríamos ver coisas que nunca vimos no mundo: uma explosão de desejos, vida, paisagens e outras dimensões, bruxas apocalípticas e um novo mundo surgindo. Mais que um pedido de travessia, reúno encontros e a urgência que é viver em uma obra de muitas vidas e visões futuras que atravessam outras possibilidades de observar, estar e experimentar o que chamamos de mundo.

Sid (Caucaia-CE, 1991) é artista visual travesti, vive e trabalha transitando entre sua cidade e Fortaleza-CE. A artista costura narrativas que perpassam o real e o ficcional, atravessando corpo, memória e palavra que estão em fluxo na sua transição. Durante esse processo, se apropria de várias linguagens, como desenho, escultura, pintura, fotografia e videoarte.

Participação no **Lab/2021-22** **mapacultural.secult.ce.gov.br/agente/36926** Instagram **@atravesid**

## Crateras lunares, 2019

Fotografia e som, 48x83cm

**Vivi Rocha Jones**
**Fortaleza, Ceará, 1986**

Por estar numa região de muita turbulência, a lua foi bombardeada durante milhões de anos por meteoritos que formaram crateras ou cicatrizes de impactos cósmicos em sua superfície. Essas crateras, que remetem a um tempo turbulento, são hoje avistadas e contempladas por muitas pessoas, e, para mim, representam a resistência da força do feminino, também bombardeada há alguns milhares de anos. Transformações de fogo, terra, água e ar se somam à lua, que rege as marés e move todas as águas do nosso planeta, inclusive nós, que somos 85% água. Frequências em 432Hertz remexem a água do nosso corpo, harmonizando as nossas moléculas de água e as vibrações da natureza, do cosmos, do ser.

Musicista, fotógrafa, sound designer e pesquisadora sonora. Vem pesquisando o ciclo lunar, as ondas de rádio eletromagnéticas emitidas pelos astros, a tecnologia quântica do som junto à ativação de frequências de cura no corpo humano, e a frequência 432Hertz, a vibração do som universal e da natureza.

Participação no **Lab/2014**

**vivirochajones.com.br**

Instagram **@vivirochajones**

# Ficha Técnica

**ISBN**
nº 978-85-62348-29-7

**GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ**

Maria Izolda Cela de Arruda Coelho
**Governadora do Estado do Ceará**

Fabiano dos Santos Piúba
**Secretário da Cultura**

Valéria Cordeiro
**Secretária Executiva da Cultura do Estado do Ceará**

Mariana Braga Teixeira
**Secretária de Planejamento e Gestão Interna da Cultura**

**INSTITUTO DRAGÃO DO MAR**

Rachel Gadelha
**Diretora-presidenta**

Adriana Victorino
**Diretora de Planejamento e Gestão**

Elisabete Jaguaribe
**Diretora de Formação**

Lenildo Gomes
**Diretor de Articulação Institucional**

**CENTRO DRAGÃO DO MAR DE ARTE E CULTURA**

Natasha Faria
**Superintendente**

Ana Paula Medeiros
**Gestora Administrativa e Financeira**

Jean Nascimento
**Assessor de Produção**

////////////////////////////////

**MUSEU DE ARTE CONTEMPORANEA DO CEARÁ (MAC-CE)**

Cecília Bedê
**Gestora Artística**

Chico Cavalcante Porto
**Coordenador Artístico**

Socorro Leite
**Assistente de Direção**

Ana Aline Furtado
Fernando Xavier
**Gestores de Conservação e Acervo**

Rafael Escócio
**Coordenador de Arte Educação**

Antonio Breno
arth3mis
Edu Moreira
Fabrilly Farias
Flávia Holanda
Gi Monteiro
Luz
Mariane Romão
Rafael Damasceno
Vic Nascimento
**Arte Educadores**

Sefora Menezes
**Bibliotecária**

////////////////////////////////

**ESCOLA PORTO IRACEMA DAS ARTES**

Elisabete Jaguaribe
**Diretora da Escola Porto Iracema das Artes**

Yara Rodrigues
**Assessora de Desenvolvimento**

Cristiane Magalhães
**Secretária-executiva**

Quitéria Gomes
e Monaliza Santos
**Analistas Técnicas**

Larissa Santana
e Caroline Oliveira
**Estagiárias de Administração**

Cláudia Pires
**Coordenadora Geral**

Aline Albuquerque
**Coordenadora do Laboratório de Artes Visuais**

Bruna Beserra
**Assistente de Artes Visuais**

Talita Jeane
**Gerente de Produção**

João Caetano
e Vitor Hugo Araújo
**Operadores de Equipamentos**

Suzana de Souza Costa
**Coordenadora do NAVE**

Tiago Campos Câmara Barros
**Técnico de Som**

Ronnie Mathias
**Técnico Projecionista de Áudio e Vídeo**

Eduardo Oliveira
**Editor de TV e Vídeo**

Vinícius Menezes
**Estagiário de Audiovisual**

Marina Solon
**Coordenadora da Comunicação**

Mateus Pompeu
Daltro Holanda
**Designer**

Alan Sousa
Luiz Alves
Micaela Menezes
**Fotos**

Romã Salviano e Beatriz Acioli
**Estagiárias de Jornalismo**

Alan Sousa e Micaela Menezes
**Fotógrafos**

////////////////////////////

**FICHA TÉCNICA DA EXPOSIÇÃO**

**Curadoria**
Lucas Dilacerda e
Aline Albuquerque

**Produção**
Aline Albuquerque
e Lucas Dilacerda

**Assistência de Produção**
Bruna Beserra

**Expografia**
Lucas Dilacerda
e Aline Albuquerque

**Coordenação de Montagem**
Trapiche Serviços
- Léo Carrero

**Coordenação de Montagem**
Josymar Nascimento

**Montagem**
Alexandre Silva
Dyll Nascimento
João Vitor
José Demésio
José Ivan
Vicente Narciso

**Eletricidade**
Iran

**Design**
Mateus Pompeu
e Daltro Holanda

**Consultoria de Acessibilidade**
Projeto Acesso

**Tradução em Libras**
Alana Oliveira, Cleyton Santos e Júlia Martins

**Tradução em Braille**
Carlinhos Viana

**Consultoria e Revisão da Audiodescrição**
Julia Fekete e Lara Lima

**Audiodescrição**
arth3mis, Edu Moreira, Fabrilly Farias, Flávia Holanda, Luz, Mariane Romão, Rafael Damasceno e Vic Nascimento

**Acessibilidade Tátil e Audiodescrição**
Projeto Fotografia Tátil - Laboratório de Experiência Digital (LED) da UFC
Grupo Legendagem e Audiodescrição (LEAD) - Laboratório de Tradução Audiovisual (LATAV) da UECE

**Projeto do Mobiliário Nômade**
Cecília Andrade
e Diego de Santos

**Montagem do Mobiliário Nômade**
Oficina Gato Preto
- Marsuelo Sales

**Verbetes**
Aires
Cecília Calaça
Rodrigo Lopes
Clebson Francisco
Wes Viana
Mel Andrade
Laris Moraes
Bruna Forte
kulumym-açu
Isadora Ravena

**Revisão**
Wes Viana

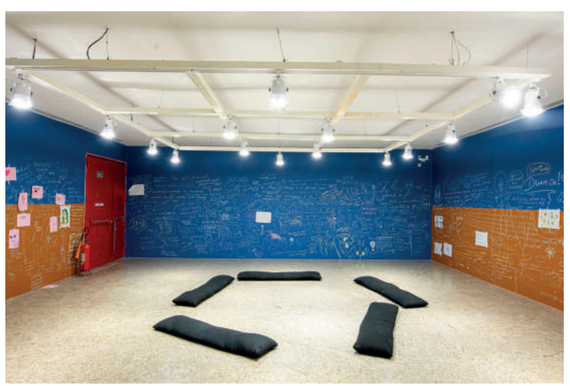
Vamos produzir arte juntos?

CARTOGRAFIAS do intolerável

POTÊNCIAS DO gesto

TRANSMUTAÇÕES afetivas

VIBRAÇÕES CONSTRUÍDAS



Patrocínio Master

Patrocínio

Apoio

Parceria

Realização